



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**



Eliane Silva da Silva

**GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO:
análise das publicações do Grupo de Trabalho 4 no Encontro Nacional de
Pesquisa em Ciência da Informação 2005-2014**

**Rio Grande
2015**

Eliane Silva da Silva

**GESTÃO DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO:
análise das publicações do Grupo de Trabalho 4 no Encontro Nacional de
Pesquisa em Ciência da Informação 2005-2014**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Angélica C. D. Miranda

**Rio Grande
2015**

S586g Silva, Eliane Silva da

Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento: análise das publicações do Grupo de Trabalho 4 no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 2005- 2014 / Eliane Silva da Silva. — Rio Grande: FURG, 2015. 63 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) — Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2015.

Orientadora: Angélica Conceição Dias Miranda

1. Gestão da Informação. 2. Gestão do Conhecimento. 3. ENANCIB
I. Miranda, Angélica Conceição Dias. II. Bacharelado em Biblioteconomia, 2015. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
Curso de Biblioteconomia**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Eliane Silva da Silva

**Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento: análise das publicações
do Grupo de Trabalho 4 no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da
Informação 2005-2014**

Trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, orientado pela Profa. Angélica Conceição Dias Miranda.

Banca Examinadora

Angélica Conceição Dias Miranda – ICHI/FURG

Bibliotecária Simone Firme

Prof.^a Msc. Deisiré do Amaral

Prof.^a Msc. Marcia Rodrigues



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA



TERMO DE RECONHECIMENTO DE VERSÃO FINAL DO TCC

Eu, professor Angélica C. D. Miranda reconheço a versão final para entrega e armazenamento do trabalho de conclusão de curso de Eliane Silva da Silva sob o título de Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento: análise das publicações do Grupo de Trabalho 4 no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 2005-2014 com o total de 63 páginas.

Rio Grande, 21 de dezembro de 2015.

Prof^a. Dra. Angélica Conceição Dias Miranda

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa de minha vida, agradeço a todos que me apoiaram durante a realização do curso de Biblioteconomia. Através do curso tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas importantes com quem além de contar com a ajuda neste trajeto, também tive o prazer de compartilhar bons momentos, como minhas amigas Lilian e Pâmela.

Agradeço também o auxílio que obtive com a professora Marcia C. Rodrigues, durante os 4 anos de curso, pois a mesma sempre se mostrou disponível quando solicitada a sua ajuda com as disciplinas.

Saliento ainda a presença constante de minha orientadora Angélica C. D. Miranda, e fico agradecida pelo dedicado ensinamento, orientação, estímulo e amizade, além da transmissão incansável de informações durante a realização deste trabalho.

Igualmente importante durante esta etapa de minha vida está a presença de minha família, meus pais e irmão que se esforçaram imensamente para que eu conseguisse estar presente no curso e dessa forma chegar à conclusão do mesmo, além do grande apoio de minha amiga Adriana, que com suas palavras, nunca me deixou desistir, fazendo com que eu sempre acreditasse em mim mesma.

Agradeço a tudo e todos que de alguma forma contribuíram na conclusão deste importante período da minha vida.

"Questionamento constante e frequente é a primeira chave para a sabedoria... Através do duvidar que somos levados a inquirir, e pelo inquirido nós percebemos a verdade."

Pedro Abelardo (1079-1142)

Resumo

Este estudo se baseia em duas áreas afins, a área da Gestão da Informação (GI) que busca gerir a informação registrada e a Gestão do Conhecimento (GC) que procura formas de gerir o capital intelectual dos indivíduos. Na busca por compreender sobre as duas áreas do conhecimento, procurou-se analisar os trabalhos presentes no Grupo de Trabalho 4 do Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB). Devido a este fato, o presente trabalho tem por objetivo principal investigar como a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento são abordadas nos trabalhos apresentados no ENANCIB, tendo por objetivos específicos identificar os trabalhos sobre GI e GC do GT4, a análise de autoria e co-autoria presente nos mesmos, realizar a averiguação das palavras-chave utilizadas, e a investigação de aspectos de abordagem da GI e GC. Para a consecução dos objetivos foi utilizado o método exploratório-descritivo, pois foi realizada a descrição dos contextos dos trabalhos para descobrir as relações existentes entre seus componentes. Como resultado, conclui-se que embora a GI e a GC sejam abordadas em muitos trabalhos, há muitos trabalhos no qual não se é possível ter uma identificação sobre a abordagem de ambas as áreas. Quanto à autoria dos trabalhos, Marta L. P. Valentim é a autora com maior número de apresentações por evento, no que tange a co-autoria há a predominância de dois autores por trabalho. No que se relaciona as palavras-chave encontradas nos trabalhos, observou que a palavra mais comum é GI. E os aspectos em que GI e GC são abordadas são variados, salientando a sua forte presença em organizações.

Palavras-chave: Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento. ENANCIB.

Abstract

This study is based on two related areas, the area of Information Management (IM) that seeks to manage the recorded information and knowledge management (KM) seeking ways of managing the intellectual capital of individuals. In the search for understanding on the two areas of knowledge, I tried to analyze the works present in the National Meeting of Working Group 4 Research Graduate Diploma in Information Science (ENANCIB). Due to this fact, this study has the main objective to investigate how the Information and Knowledge Management Management are addressed in papers presented at ENANCIB, with the specific objective to identify the work on GI and GC GT4, analysis authored and co authorship present in the same, carry out investigation of keywords used, and research addressing aspects of IG and CG. To achieve the goals we used the exploratory and descriptive method because it was held to descriptions the contexts of work to discover the relationships between its components. As a result, it was concluded that although the IM and GC are addressed in many works, there are many jobs in which it is not possible to have an identification on the approach of both areas. As to the authorship of the work, Marta LP Valentine is the author with the highest number of submissions per event, with respect to co-authorship there is a predominance of two authors for work. As it relates to keywords found in the works, it was observed that the most common word is GI, and the ways in which the GI and GC are addressed in the work is varied, treating both the institutional framework, as the conceptual.

Keywords: Information Management. Knowledge Management. ENANCIB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclo associado à localização e consumo de informação	20
Figura 2 – Plataforma Academia.edu.....	32
Figura 3 – Plataforma ResearchGate	32
Figura 4 – Etapas metodológicas	37
Figura 5 – GI e GC como temática (2005).....	38
Figura 6 – GI e GC como temática (2006).....	39
Figura 7 – GI e GC como temática (2007).....	39
Figura 8 – GI e GC como temática (2008).....	40
Figura 9 – GI e GC como temática (2009).....	40
Figura 10 – GI e GC como temática (2010).....	41
Figura 11 – GI e GC como temática (2011).....	41
Figura 12 – GI e GC como temática (2012).....	42
Figura 13 – GI e GC como temática (2013).....	42
Figura 14 – GI e GC como temática (2014).....	43
Figura 15 – Palavras-chave (2005)	47
Figura 16 – Palavras-chave (2006)	47
Figura 17 – Palavras-chave (2007)	48
Figura 18 – Palavras-chave (2008)	49
Figura 19 – Palavras-chave (2009)	49
Figura 20 – Palavras-chave (2010)	50
Figura 21 – Palavras-chave (2011)	51
Figura 22 – Palavras-chave (2012)	52
Figura 23 – Palavras-chave (2013)	52
Figura 24 – Palavras-chave (2014)	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quatro tipos de conhecimento.....	17
Quadro 2 – Diferenciação entre dados, informação e conhecimento.....	19
Quadro 3 – Critérios de distinção entre GI e GC	24
Quadro 4 – Ferramentas de TI.....	26
Quadro 5 – Quatro vertentes da colaboração científica.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhos apresentados no ENANCIB	38
Tabela 2 – Colaboração interinstitucional	46
Tabela 3 – PANORAMA GERAL.....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos	14
1.1.1	Objetivo geral	14
1.1.2	Objetivos específicos	14
1.2	Justificativa	14
1.3	Problema	15
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.1	Dado, Informação e Conhecimento	16
2.2	Gestão da Informação (GI)	19
2.3	Gestão do Conhecimento (GC)	22
2.3.1	Tecnologias da Informação (TI) como ferramenta	25
2.4	Estudos Bibliométricos	26
2.5	Colaboração Científica	29
2.6	Encontros Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)	33
3	METODOLOGIA	35
3.1	Universo e amostra	35
3.2	Pesquisa	36
3.3	Abordagem	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Com a importância da informação na atualidade, tornou-se preponderante o fato de haver um tratamento adequado da mesma e de todos os processos relacionados com o seu manejo e aplicação. A Gestão da Informação (GI), considerada como um grande auxílio na tomada de decisões das organizações, pois ela tem como objetivo apoiar a gestão das empresas por meio de processos que tornem mais eficientes e acessíveis a informação e sua articulação em todos os âmbitos, de modo que a criação do conhecimento seja favorecida (LOPES; VALENTIM, 2010).

A partir da GI se percebeu a necessidade de tratamento de outro ativo igualmente importante, o conhecimento. Através do conhecimento é possível a criação de novos métodos empresariais ou mesmo novos produtos, fazendo de sua gestão algo imprescindível para o sucesso organizacional. Para Robredo (2006) a Gestão do Conhecimento (GC) permite captar as ideias, práticas e experiências úteis de todos os atores da instituição, onde elas são geradas e compartilhadas, assim como utilizá-las nos processos de informação.

Com a breve explanação sobre as funções e importância da Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento, pode-se observar a impossibilidade de distanciá-las, pois embora sejam disciplinas distintas, sempre há a possibilidade de a informação converter-se em conhecimento e vice-versa, tornando as mesmas essencialmente complementares.

No decorrer do trabalho serão trazidos conceitos que esclarecerão o significado de informação e conhecimento, além da explicação sobre GI e GC e suas funções específicas no âmbito das organizações, ressaltando o uso atual das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

No que tange a pesquisa realizada nesse estudo, busca-se a partir da análise do Grupo de Trabalho Quatro (GT4), e do estudo dos conceitos de GI e de GC, responder à dúvida de como ambas as áreas são abordadas atualmente na área da Ciência da Informação (CI). Com a intenção de expor a forma como a GI e GC estão se desenvolvendo no decorrer dos anos, procurou-se observar os trabalhos apresentados nos últimos dez anos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), um dos eventos mais importantes da área de CI.

A análise será feita a partir dos trabalhos contidos no repositório BENANCIB, em que serão considerados quantitativamente aspectos em relação à GI e GC, quanto a autorias, e quanto a colaborações, além de ser feita a análise qualitativa dos dados com base os contextos em que GI e GC se encontram representadas.

Através dos resultados obtidos busca-se averiguar a forma como o conceito tem sido utilizado durante o tempo, quais autores estão relacionados aos trabalhos apresentados, e como se encontra a colaboração entre pesquisadores e as instituições de ensino, e a partir dos resultados obtidos, visualizar como a GI e GC tem sido concebida nos ENANCIB's.

1.1 Objetivos

A seguir serão apresentados o objetivo geral e os específicos, criados como base para a investigação retratada neste trabalho:

1.1.1 Objetivo geral

Investigar como a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento são abordadas nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação no período 2005-2014.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar os trabalhos sobre GI e GC do GT4, no repositório do BENANCIB;
- Analisar os trabalhos identificados quanto à autoria e co-autorias;
- Averiguar as palavras-chave utilizadas;
- Investigar sob quais contextos a GI e a GC são abordadas.

1.2 Justificativa

Como principal motivação para a realização da pesquisa está o interesse da autora no que tange a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento e os poucos estudos desenvolvidos durante a graduação, o que fez surgir uma inquietação por buscar mais informações sobre a temática e originou o interesse em saber como o evento sobre a ciência da informação tem realizado a sua divulgação.

Uma contribuição válida deste trabalho está relacionada à observação de como ambos os conceitos estão sendo retratados na Ciência da Informação e como o número de trabalhos no decorrer dos últimos dez anos do evento reflete o aumento da importância deste campo de estudo.

No decorrer dos estudos de graduação, entre os diversos temas abordados, considerou-se que a GI e a GC estão diretamente relacionadas com o fazer bibliotecário. Dessa forma, compreende-se a necessidade de aprofundar tais estudos bem como conhecer o que o evento ENANCIB, considerado o mais importante da CI, proporcionou a comunidade.

1.3 Problema

Com o surgimento do conceito de Gestão da Informação e de Gestão do Conhecimento, vê-se que apesar da diferenciação dada a ambas, há a necessidade de um maior estudo sobre a função específica de cada uma das áreas, e como as mesmas vêm sendo retratadas nos últimos anos. A partir dessa informação, procura-se saber através dos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, se o evento retrata adequadamente as discussões sobre GI e GC na Ciência da Informação?

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A informação e o conhecimento têm sido vistos como insumos estratégicos nas organizações. Diante disso, observa-se que a rede mundial de computadores tem possibilitado acesso ao que existe disponível, em variadas instâncias. Verifica-se ainda, o surgimento de termos e conceitos que, muitas vezes são confundidos ou pouco esclarecidos.

2.1 Dado, Informação e Conhecimento

Ao se tratar dos termos informação e conhecimento, surgem questionamentos sobre como cada um dos conceitos deve ser retratado, pois os mesmos possuem uma relação intrínseca de complementaridade, tornando complexa uma definição clara dos limites de um em relação ao outro.

Como forma de tornar compreensível o conceito de informação e conhecimento, segundo a CI, mostra-se imprescindível a busca de autores que compartilharam suas definições em relação a ambos os termos. Porém, antes de ser realizada a explicação sobre informação e conhecimento é necessário tratar sobre os dados, o estágio anterior a criação efetiva da informação.

Para Davenport e Prusak (1998, p. 2) “Dados são um conjunto de fatos distintos e objetivos, relativos a eventos. Num contexto organizacional, dados são utilitariamente descritos como registros estruturados de transações”. Os dados não necessitam estar inseridos em um contexto amplo, e os mesmos podem ser processados facilmente por máquinas programadas com esta função de processamento, diferentemente da informação.

Segundo Davenport (1998, p.19), a informação são dados transformados pelas pessoas, mas que ao contrário desse último, exigem uma análise, além de ser muito mais difícil transferir com absoluta fidelidade. Através dessa definição, pode-se notar que cada pessoa poderá perceber a junção de dados de uma forma, levando-se em conta o contexto onde a informação será utilizada, acarretando, assim, em uma possível modificação da informação final, o que infere um aumento de complexidade da informação em relação ao dado puro.

No que tange a definição de conhecimento para Davenport (1998, p. 19)

Conhecimento é a informação mais valiosa e, conseqüentemente, mais difícil de gerenciar. É valiosa precisamente porque alguém deu à informação um contexto, um significado, uma interpretação; alguém refletiu sobre o conhecimento, acrescentou a ele sua própria sabedoria, considerou suas implicações mais amplas.

A partir dessa definição sobre conhecimento, é possível observar que para haver o mesmo é necessária uma associação de interpretações subjetivas do indivíduo com relação a uma

informação recebida e o seu contexto mais amplo. Além disso, o conhecimento abrange fatores relativos à experiência em uma determinada área, que eventualmente também poderá ser somada a informação recebida.

Outra forma de se pensar o conceito de informação está relacionado com a própria mensagem trocada entre duas ou mais pessoas; sinônimo de dado ou conhecimento; sinônimo de documento; produto obtido pelo cruzamento de dados; conhecimento codificado, isto é explicitado, portanto formalizado em algum tipo de documento, independente do suporte informacional escolhido para registrá-lo. Enquanto em síntese, conhecimento é visto como um processo cognitivo, que necessita da informação como matéria-prima para desencadeá-lo. (COSTA; KRUCKEN; ABREU, 2000).

Através dessa visão, é possível observar a multiplicidade de significados de informação, o que pode causar certa dificuldade para formação de uma única definição, já que a mesma dependeria do contato que se teve com o termo.

Em relação ao conhecimento, é descrito que o mesmo só poderá ser desenvolvido, se quem o receber tiver uma base de informação, o que nos faz concluir que com um maior contato com variadas informações, aumentariam consideravelmente o nível de conhecimento dos indivíduos pela associação que poderia ser realizada com as informações apreendidas.

Para Choo (2003) o conhecimento pode ser dividido em: público, senso comum, pessoal e privado, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Quatro tipos de conhecimento

Conhecimento Público	É o que convencionalmente observamos como conhecimento em sociedade e pode ser encontrado estruturado e registrado em textos de livros, boletins de pesquisas e outras fontes impressas, formais e informais.
Conhecimento de Senso Comum	Uma pessoa adquire conhecimento de senso comum gradualmente, ao longo da vida, por meio de experiências pessoais e encontros com a família, amigos e outros membros de sua comunidade.
Conhecimento Pessoal	Uma vez que o conhecimento pessoal nasce da experiência própria, que não é acessível aos outros, não existe um contexto comum para debate, o que impede a difusão do conhecimento.
Conhecimento Privado	É o conhecimento que a pessoa ou o grupo desenvolve e codifica por conta própria, a fim de dar sentido a determinada situações.

Fonte: Adaptado de Choo (2003)

Verifica-se no quadro 1 que os quatro tipos de conhecimento citados por Choo relacionam-se ao indivíduo e ao grupo do qual o mesmo faz parte, detalhando a influência de cada um desses componentes para cada pessoa, e ressaltando o alto nível de subjetividade da maioria delas. Os conhecimentos citados podem tanto se formar a partir da interação entre os sujeitos e a sociedade, conhecimento público e de senso comum, como se compor por experiências individuais, conhecimento pessoal e privado, salientando ainda que o privado

poderá ser formado por grupos se a codificação que estiver sendo feita se relacionar ao contexto de vários indivíduos.

A visão de Ponjuán Dante (2007) apoia os argumentos trazidos até o momento, ao expor que a informação depende dos dados que se convertem em informação, já o conhecimento é visto como informação transformada em crenças, conceitos e modelos mentais mediante raciocínio e reflexões.

A autora traz uma definição sobre o “conhecimento organizacional” que amplia a visão sobre o mesmo, e pode ser classificado de três formas:

Tácito: O conhecimento tácito é o conhecimento que se adquire ao longo da vida, mediante experiências, tarefas e juízos intuitivos acerca de formas de fazer as coisas.

Explícito: O conhecimento explícito é aquele que se expressa mediante um sistema de símbolos e que pode ser comunicado ou difundido.

Cultural: O conhecimento cultural está relacionado com os comportamentos, crenças e valores que regem a organização e se baseiam na experiência, a observação e a reflexão acerca da organização e seu ambiente (PONJUÁN DANTE, p. 111-112, trad. nossa).

Observa-se que o conhecimento organizacional é formado por três tipos de conhecimentos, responsáveis por seu nível de complexidade. O conhecimento tácito, de difícil expressão, por tratar da forma como cada indivíduo processa subjetivamente as informações que lhe são passadas através de todas suas experiências; o conhecimento explícito, relacionado fortemente ao conceito de informação, por ser um modo de exteriorizar o que se sabe de um modo que outras pessoas possam repetir determinado método; e o conhecimento cultural, que é baseado em uma tradição organizacional, em sua forma de perceber e agir em seu espaço. É possível notar que há uma grande complexidade no que se relaciona ao termo conhecimento, tanto no âmbito individual, quanto no grupal e organizacional.

Segundo a visão clássica sobre conhecimento tácito e explícito, Nonaka e Takeuchi (1997) postulam que há quatro modos de conversão do conhecimento, que são: socialização, externalização, combinação e internalização. Cada modo de conversão ocorre com a interação entre as pessoas e/ou seu ambiente, e a modificação de um conhecimento em outro tipo de conhecimento, mostrando todos os tipos de relações possíveis de se criar entre os conceitos tácito e explícito do conhecimento.

De acordo com Xavier e Costa (2010) a informação e o conhecimento são simultaneamente causa e efeito um de si mesmos, numa interação dinâmica em que a sucessão pode ser plenamente invertida, mas não gera nenhuma contradição, pois se é causa e efeito com relação a coisas diferentes em momentos distintos.

Vê-se que há uma conexão entre informação e conhecimento que não pode ser desfeita; os dois termos possuem características únicas, contudo estão ligados por sua complementaridade intrínseca. Ao se absorver informação, a mesma une-se a outras informações e visão particular do indivíduo, criando assim um novo tipo de conhecimento, e este conhecimento por sua vez pode ser condensado de modo que possa se passar o mesmo a outras pessoas, criando desta forma novas informações.

De acordo com Bettencourt e Cianconi (2012) ao reconhecer que conhecimento e informação fazem parte de um macro processo dinâmico e contínuo, percebe-se que tratá-los isoladamente do ponto de vista conceitual seria inadequado, a não ser para fins didáticos, visando ao melhor entendimento. Assim, pode-se observar a impossibilidade real de separação do conceito de informação e conhecimento, que possuem alto grau de complementaridade, sendo difícil a visualização de um conceito sem menção do outro, especialmente no que tange a conceituação de conhecimento.

Podemos observar através do quadro 2 características relacionadas aos três elementos tratados no tópico acima:

Quadro 2 – Diferenciação entre dados, informação e conhecimento

Dados	Informação	Conhecimento
Simple observações sobre o estado do mundo	Dados dotados de relevância e propósito	Informação valiosa da mente humana
Facilmente estruturado	Requer unidade de análise	Inclui reflexão, síntese, contexto
Facilmente obtido por máquinas	Exige consenso em relação ao significado	De difícil estruturação
Frequentemente quantificado	Exige necessariamente a mediação humana	De difícil captura em máquinas
Facilmente transferível		Frequentemente tácito
		De difícil transferência

Fonte: Adaptado de Davenport e Prusak (1998)

A partir da análise do quadro 2, pode-se clarificar as dúvidas relacionadas a função de cada um dos termos destacados, unindo os mesmos as suas características comumente observadas, bem como, apresentando o seu nível de complexidade.

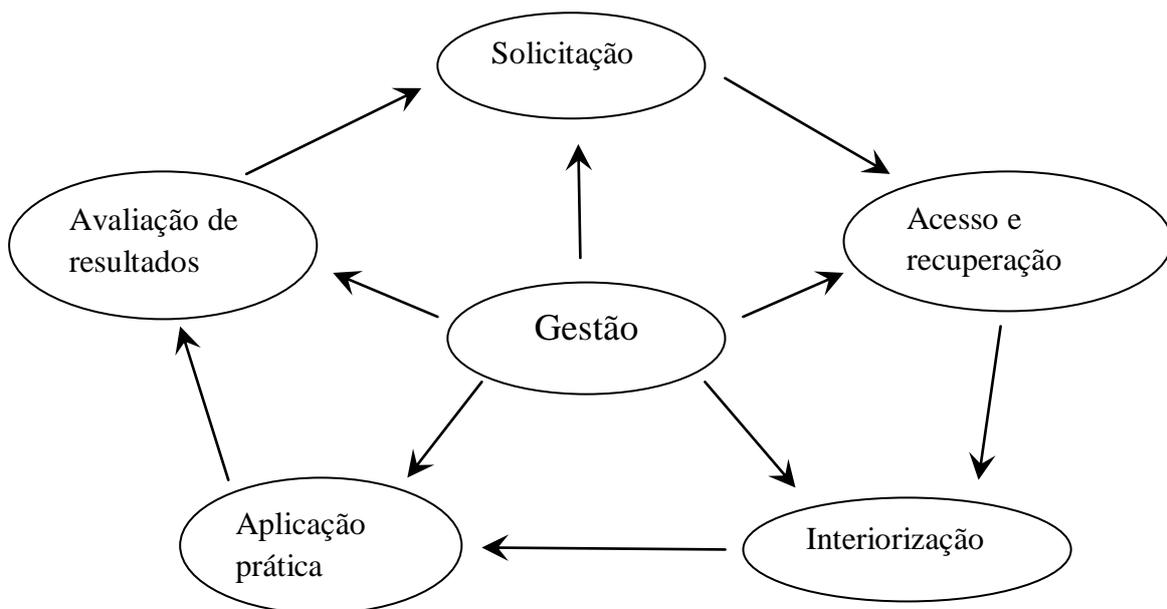
2.2 Gestão da Informação (GI)

Com o aumento constante do número de informações e de sua importância na atualidade, foi necessário criar formas de gerenciar todo esse contingente, surgindo desta forma a gestão da informação. Para Ponjuán Dante (2007) a gestão da informação é o processo mediante o qual se obtém, desdobram ou utilizam recursos básicos para manejar informação dentro e para a sociedade que serve; tem como elemento básico a gestão do ciclo de vida deste recurso e ocorre em qualquer organização.

Através da gestão da informação, uma organização pode oferecer acesso a informações úteis sobre formas apropriadas de realizar tarefas (manuais, apostilas, etc.), explicar o funcionamento da instituição (regras, normas, etc.), observar o momento em que determinada informação se torna obsoleta, além do fato da adição da informação poder proporcionar a criação de mais conhecimento na organização, ao unir-se com outras informações e percepções de seus integrantes.

Para Wilson (1997 apud Tarapanoff, 2006, p. 21) “Gestão da informação define-se como a aplicação de princípios administrativos à aquisição, organização, controle, disseminação e uso da informação para a operacionalização efetiva de organizações de todos os tipos”. Vê-se que a GI faz parte de um ciclo que deve ser realizado para que a mesma possa ser considerada legítima e ter clara funcionalidade.

Figura 1 – Ciclo associado à localização e consumo de informação



Fonte: Ponjuán Dante (2007, p. 61, trad. nossa)

A figura 1 ilustra o processo no qual a gestão está inserida, revelando a complexidade da mesma, que deve avaliar todo o ciclo pelo qual a informação passa, observando as possíveis falhas que podem acontecer em algum processo e buscando formas de resolução.

A figura 1 ainda nos mostra que o ciclo informacional começa com a solicitação de um determinado usuário, passa pelo seu acesso e recuperação, pela interiorização de seu conteúdo, a aplicação dessa informação em seu meio, e após a aplicação são avaliados os resultados que foram extraídos de todo o processo, sendo observada a necessidade de novas informações para o desenvolvimento adequado das tarefas a serem realizadas, o que traz

novamente a necessidade de solicitação da mesma, reiniciando desta forma o ciclo associado à localização e consumo de informação.

Segundo Grácio (2012, p. 31)

A gestão da informação, ao tratar de informação registrada, possibilita a aquisição do conhecimento contido nessa informação por parte das pessoas no momento que elas desejam e no formato que possibilite o acesso correto, a partir da gestão adequada dos processos envolvidos.

Em relação à gestão da informação, não deve se considerar correta a ideia de que através da mesma será possível obter acesso a todo conhecimento de seu autor, pois o que está escrito é apenas uma parte do conhecimento original do mesmo, a qual foi possível ser transformada em informação e passada para outros indivíduos, que a partir dessa codificação a absorverão e, assim, chegarão as suas próprias conclusões, aumentando o seu nível de conhecimento.

Para Molina (2010, p. 148) “[...] compreende-se que o foco da GI é auxiliar a organização a gerenciar seus conteúdos informacionais, gerados internamente ou não, de forma que o uso da informação seja considerado estratégico”. A partir de uma adequada gestão da informação, é possível manejar as informações de forma que sejam aplicadas no local e momento certo dentro de uma instituição.

Segundo Cavalcante e Valentim (2010, p. 245)

[...] nota-se que a informação está presente em todos os níveis organizacionais, cabendo a cada um utilizá-la de modo que melhor contribua para o desenvolvimento de seus processos, bem como para o desenvolvimento dos processos organizacionais de forma geral, visto que a organização é estabelecida por um conjunto de interações e interligações, que visam atender a missão e os objetivos finais da organização.

A citação acima reforça a ideia da necessidade de um tratamento apropriado a informação como forma a atingir os objetivos organizacionais, porém, a mesma traz a visão da atenção que deve ser dada desde os processos mais básicos aos mais complexos, pois o nível de interligação em uma organização faz com que a atenção devida deva ser dada em todas as áreas da organização onde a informação é empregada.

Além da importância da informação para o pleno desenvolvimento organizacional, a informação também é descrita como importante forma de obtenção de conhecimento, por isso há grande valor na gestão da mesma.

Na visão de Souza, Dias e Nassif (2011, p. 61) “[...] a gestão da informação corresponde a um componente da gestão do conhecimento e tem por base a gestão de conteúdos que constituem os arcabouços informacionais das diversas organizações”. Por meio dessa visão, a relação entre GI e GC pode ser estabelecida, ao associar a gestão da informação como sendo

um dos processos da gestão do conhecimento, responsável por tratar e distribuir a informação de forma que ela possa ser internalizada pelas pessoas formando o conhecimento, base para GC.

Contudo, para Bettencourt e Cianconi (2012) a gestão da informação já era praticada antes da gestão do conhecimento e não deve ser vista como uma de suas fases, sendo sua antecessora, uma vez que seu foco é a informação, e porque não se extinguiu com o surgimento da gestão do conhecimento. Através dessa visão, pode-se ver a GI isoladamente, sem a necessidade de uma ligação com a GC, observando que o valor da mesma está em seus próprios processos e não somente em seu potencial de facilitar a criação de conhecimento.

2.3 Gestão do Conhecimento (GC)

Em um mundo onde nota-se o aumento do valor da informação – tanto para os indivíduos quanto para as organizações – cresce a cada dia o interesse em saber o quanto dessa informação adquirida se pode transformar em conhecimento aplicável a criação de novos produtos e serviços. No entanto, para se conhecer mais sobre gestão do conhecimento é necessário realizar-se uma distinção entre a mesma e a gestão da informação.

Segundo Davenport e Marchand (2004) há um grande componente de gestão da informação na GC e que grande parte do que se faz passar por GC é, na verdade, gestão da informação; mas para os mesmos a verdadeira GC vai, de muitos modos, bastante além da gestão da informação. Há nos conceitos de gestão de informação e gestão do conhecimento uma confusão semelhante com a que sucede com os termos base, informação e conhecimento, o que faz com que ambos os conceitos de gestão acabem sendo confundidos ou mesmo considerados sinônimos.

De acordo com Moresi (2006, p. 284)

O arcabouço teórico de gestão do conhecimento ainda se encontra em fase de desenvolvimento, existindo uma diversidade de definições. A gestão do conhecimento pode ser vista como o conjunto de atividades que busca desenvolver e controlar todo tipo de conhecimento em uma organização, visando à utilização na consecução de seus objetivos.

Observa-se que a GC é responsável por lidar com todos os conhecimentos existentes em uma organização – conhecimento tácito, explícito e cultural – com o objetivo de aperfeiçoar o funcionamento da instituição, mas apesar disso, o mesmo pode causar confusões por ainda possuir variações em sua definição.

Entretanto, para Longo (2007, p. 36) “[...] a gestão do conhecimento surge para gerenciar o capital intelectual, ou seja, o conhecimento que está na mente das pessoas e suas

experiências, com o objetivo de criar vantagem competitiva para a organização”. A partir desta visão, pode-se relacionar a gestão do conhecimento de um modo mais claro à sua forma tácita, pois nos é exposto que o mesmo seria responsável por gerir o que está na mente dos indivíduos e não necessariamente o que está explicitamente demonstrado em manuais, livros, etc., toda esta gestão de conhecimento tácito estaria focada em um melhor desenvolvimento organizacional.

De acordo com Nonaka e Takeuchi (1997) uma organização não pode criar conhecimento sem indivíduos, pois a criação do conhecimento organizacional deve ser entendida como um processo que amplia “organizacionalmente” o conhecimento criado pelas pessoas, cristalizando-o como parte da rede de conhecimento nas organizações. Pode-se perceber, portanto, a importância de se observar os pontos dentro da organização onde o conhecimento está sendo produzido, e buscar meios com que os integrantes dessa instituição sintam-se estimulados a compartilhar seu conhecimento, para que a organização, assim, possa absorver novas ideias sobre novas maneiras de realizar antigos processos.

Reforçando o que foi dito até o momento, Barbosa (2008) nos diz que enquanto a gestão da informação se associa intimamente com a gestão eletrônica de documentos e os sistemas de informação, a gestão do conhecimento relaciona-se com a gestão do capital intelectual e de ativos intangíveis, bem como a aprendizagem organizacional. O fato de a GC lidar com ativos intangíveis faz da mesma um campo de extrema complexidade, exigindo esforço considerável por parte dos gestores no momento de administrar organizacionalmente os conhecimentos repassados pelos integrantes da instituição e transformá-los em ativos úteis.

Lidar com o conhecimento humano e transformá-lo em produtos úteis e serviços está se tornando rapidamente uma habilidade fundamental para a sobrevivência de uma organização. Enquanto as habilidades e a experiência permanecerem interiorizadas no indivíduo, a organização está limitada em sua capacidade de utilizar esse conhecimento num sentido mais amplo, estratégico (CHOO, 2003). O fato de não se exteriorizar um determinado conhecimento, pode impedir a resolução de grandes problemas em uma organização, potencialmente ocasionando um ciclo de atividades errôneas, das quais não haverá nenhum retorno considerável.

De acordo com Molina (2010, p. 146) “O conhecimento gerado internamente à organização, quando é objeto de gestão, subsidia as ações e os processos estratégicos que auxiliam a organização na sua atuação no mercado”. Por este motivo, o conhecimento dos integrantes de uma instituição deve ser valorizado, compartilhado, avaliado e aplicados ao seu

meio sempre que organização necessitar de auxílio em algum de seus setores, pois o conhecimento gerenciado de forma adequada será de grande utilidade em seu nicho.

Para Schlesinger et al. (2008) em uma organização moderna, o conhecimento deve estar voltado a fazer algo, ou seja, comprometido com uma atividade-fim; essas organizações têm como principal função tornar os conhecimentos produtivos, aumentando a sua capacidade de gerar resultados. Nota-se que a importância do conhecimento para geração de resultados em uma instituição é considerado imprescindível, por esse motivo, o conhecimento tem aumentado o seu valor para todos os locais que possuem algum contato com o gerenciamento deste ativo intangível.

Segundo Souza, Dias e Nassif (2011) faz-se necessário destacar que a gestão do conhecimento em uma organização não se apresenta como tarefa fácil, sobretudo, porque esta se dá de forma indireta por intermédio da convergência de outros processos gerenciais, tais como gestão de conteúdos, gestão da informação, gestão de pessoas e gestão de tecnologias.

Portanto, para o adequado gerenciamento do conhecimento será necessário que haja um grande esforço por parte da organização em gerir diversos processos envolvidos na concretização da GC, e para isso é necessário o envolvimento dos responsáveis por cada um dos gerenciamentos salientados, que por sua função específica no esquema da gestão do conhecimento, podem ser vistos como etapas de um processo maior.

O quadro 3 apresenta critérios para diferenciação da GI e GC, para esclarecimento de possíveis dúvidas:

Quadro 3 – Critérios de distinção entre GI e GC

Critério	Gestão da informação	Gestão do conhecimento
Fenômenos centrais	Informação ou conhecimento explícito	Conhecimento tácito, competências pessoais
Visibilidade dos fenômenos	Baixa	Muito baixa
Processos críticos	Organização e tratamento da informação	Descoberta e compartilhamento do conhecimento
Nível de centralidade para a gestão estratégica	Mediana	Alta
Influência da cultura organizacional sobre processos e resultados	Mediana	Alta
Possibilidade de gerenciamento	Baixa ou mediana	Baixa ou muito baixa
Outros conceitos relacionados	Sistemas de informação, gestão eletrônica de documentos	Capital intelectual, ativos intangíveis, aprendizagem organizacional
Principais campos disciplinares envolvidos	Ciência da computação, Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia	Administração, Ciência da Informação

Fonte: Barbosa (2008, p. 14)

Através do quadro 3, é possível observar as peculiaridades de cada área, permitindo deste modo um maior conhecimento sobre o funcionamento das mesmas e sua diferenciação, que embora, claramente exista, não desvincula as mesmas de sua eventual complementaridade.

2.3.1 Tecnologias da Informação (TI) como ferramenta

Na era da informação e do conhecimento, além de haver a necessidade de diferenciar as mesmas e de gerir seus ativos, constata-se a necessidade de associá-las a ferramentas que possam servir de auxílio no momento em que a informação e o conhecimento tiverem de ser utilizados.

De acordo com Amorim e Tomaél (2011) para gerenciar todo o volume de informações disponíveis no ambiente interno e externo à organização, despontam as tecnologias da informação como resposta positiva para melhor estruturação e disponibilização de forma mais ágil. O auxílio oferecido pelas TI possibilita uma maior velocidade no processamento de dados fazendo com que possa se chegar de forma rápida a clarificação da informação buscada e posteriormente em sua organização, favorecendo os processos organizacionais.

Já Roth (2004) afirma que a TI é importante para se obter a informação certa, no lugar certo e no momento certo. Os apelos por sistemas de TI que apoiem o “conhecimento” nas organizações só são válidos quando todos esses fatores estão juntos e há evidências de que a informação está disponível em tempo de ser utilizada para produzir resultados desejáveis.

A TI tem seu funcionamento validado pelo apoio que a mesma pode proporcionar na tomada de decisão dentro de uma instituição, quando a mesma é utilizada de forma correta, pode oferecer dados criadores de informações necessárias para as melhores escolhas dentro de uma organização. A junção das informações adquiridas com a ajuda da TI e os conhecimentos dos integrantes de uma instituição formam uma válvula propulsora para o desenvolvimento organizacional.

Para Albino e Reinhard (2009, apud SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011, p. 62)

Há [...] uma infinidade de produtos e serviços que compõem essa estrutura tecnológica da gestão do conhecimento, dentre os quais podem ser destacados: portais corporativos de conhecimento, bases e mapas de conhecimento, softwares para discussão e *chats* eletrônicos, mapeamentos de conhecimento explícito e tácito, data mining, gerenciamento de documentos, entre outros.

A atual variedade de ferramentas voltadas para sistematização da informação e do conhecimento traz inúmeras vantagens no momento de busca ou gerenciamento das mesmas.

Como exemplo, as ferramentas de TI tanto podem direcionar os usuários da informação e do conhecimento para os locais onde os mesmos se encontram, através de mapas; pode subsidiar o gerenciamento de documentos favorecendo a localização da informação procurada; ou até mesmo contar com a TI para a criação de grupos de discussão eletrônicos, onde poderá ocorrer a troca de informação entre os membros da organização.

Além das tecnologias já citadas, é possível observar através do quadro 4 outras tecnologias utilizadas para transmissão de informações e intercâmbio de conhecimentos:

Quadro 4 – Ferramentas de TI

Recurso	Função
Data warehouses	É um banco de dados que armazena dados correntes e históricos de potencial interesse para os tomadores de decisão de toda a empresa.
Processamento analítico on-line (OLAP)	O OLAP permite a análise multidimensional de dados, de forma que os usuários vejam os mesmos dados de diferentes maneiras, pois usa múltiplas dimensões.
Data mining	O data mining fornece percepções dos dados corporativos, descobrindo padrões e relacionamentos ocultos em grandes bancos de dados e inferindo regras a partir deles para prever comportamentos futuros.
Intranet	Trata-se de uma rede organizacional interna que provê acesso a dados no âmbito da empresa.
Extranet	Criando uma extranet, uma empresa permite que fornecedores e clientes autorizados tenham acesso limitado às suas intranets internas.
E-mail	Permite que mensagens sejam trocadas entre computadores, acelerando a comunicação entre diferentes partes da organização.
Mensagem instantânea	É um tipo de serviço de bate-papo que permite aos participantes criar seus próprios canais de bate-papo.
Usenet	São grupos mundiais de discussão, nos quais as pessoas compartilham informações e ideias sobre um tópico definido; a discussão ocorre em grandes painéis eletrônicos.
LISTSERV	Permite realizar discussões ou enviar mensagens entre grupos predefinidos, mas utiliza servidores de listas de endereços de e-mail para comunicação, em vez de ‘painéis eletrônicos’.
Groupware	Provê recursos que suportam as atividades colaborativas e de comunicação dentro de uma empresa (escrever projetos, trocar ideias, conduzir reuniões, etc.)
Telefonia internet	Permite que as empresas utilizem a tecnologia da internet para transmissão de voz por telefone, por meio da internet ou de redes privadas.

Fonte: Adaptado de Laundon e Laundon (2007)

O quadro 4 nos permite visualizar algumas das ferramentas de TI utilizadas atualmente, que tratam desde ferramentas de comunicação amplamente conhecidas, como o email ou troca de mensagens instantâneas, como também de ferramentas menos conhecidas, como as responsáveis pelo armazenamento e análise de dados.

2.4 Estudos Bibliométricos

A necessidade no meio científico de quantificar a produção em determinados aspectos surgiu como forma de demonstrar o impacto dessas produções em suas respectivas áreas; a partir disto foram criadas as métricas da informação científica, como: bibliometria;

cientometria; informetria; webmetria; etc. Este trabalho, no entanto, será focado no conceito específico de bibliometria.

Segundo Rostaing (1996 apud Santos, 2003, p. 29) “[...] pode-se dizer que, a bibliometria é um termo genérico, que reúne uma série de técnicas estatísticas buscando quantificar os processos da comunicação escrita”.

Com as variadas técnicas bibliométricas, busca-se obter informações confiáveis para se chegar a conclusões sobre pontos de uma determinada área do conhecimento que podem ser comprovados quantitativamente.

De acordo com Guedes e Borschiver (2005, p. 15)

A Bibliometria é uma ferramenta estatística que permite mapear e gerar diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento, especialmente em sistemas de informação e de comunicação científicos e tecnológicos, e de produtividade, necessários ao planejamento, avaliação e gestão da ciência e da tecnologia, de uma determinada comunidade científica ou país.

Através dessa visão, é possível notar a importância da bibliometria para a ciência e para o campo da gestão da informação e do conhecimento, por meio de seus indicadores, é possível que a mesma forneça dados úteis sobre onde deve ser depositado um maior investimento para se obter informações sobre um assunto requerido.

Incorporado ao conceito de bibliometria, estão inseridas leis das quais se podem destacar: a lei de Bradford, a lei de Lotka e a lei de Zipf.

A Lei de Bradford permite estimar o grau de relevância de periódicos em uma área do conhecimento. A Lei de Lotka considera que alguns pesquisadores produzem muito e muitos pesquisadores, produzem pouco. Na Lei de Zipf, que permite estimar as frequências de ocorrência das palavras em textos científicos e tecnológicos e delimitar a região de concentração de termos de indexação (GUEDES, 2012).

As leis supracitadas, comumente auxiliam na obtenção de informações relevantes em relação a publicações que estejam sendo pesquisadas, as mesmas tanto podem ser utilizadas para seleção de periódicos relevantes em uma área do conhecimento (lei de Bradford), para realização de levantamento dos principais autores de uma área (lei de Lotka), bem como perceber os assuntos mais citados em um período (lei de Zipf).

Para Vanti (2002, p. 155) em termos genéricos, há algumas possibilidades de aplicação de técnicas bibliométricas, cientométricas, e informétricas, algumas delas são:

- identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área;
- identificar as revistas do núcleo de uma disciplina;
- identificar usuários de uma disciplina;
- prever a produtividade de autores individuais, organizações e países;

- medir o grau de colaboração entre autores;
- avaliar os aspectos estatísticos da linguagem, das palavras e das frases, etc.

Através de Vanti podemos perceber inúmeras aplicabilidades para as métricas da informação, salientando-se o grande auxílio que as mesmas oferecem na tomada de decisão dos centros de informação, para campos que estejam sendo pesquisados, entre outros.

De acordo com Maltrás Barba (2003, p. 141-142, trad. nossa)

Lotka descobriu que a distribuição das publicações se ajusta com uma elevada precisão a uma equação quadrática inversa: o número de autores que tem publicado exatamente n trabalhos n^2 . Seu único requisito, além dos óbvios de contar uma população de autores suficiente e de que a compilação de suas publicações seja exaustiva, e que abarque um período suficiente como para que os autores mais produtivos tenham tempo de chegar a seu nível.

Complementando, para Guedes (2012) na gestão da informação e do conhecimento, assim como no planejamento científico e tecnológico, a aplicabilidade da lei de Lotka se verifica na avaliação da produtividade de pesquisadores, na identificação dos centros de pesquisa mais desenvolvidos e no reconhecimento da “solidez” de uma área científica.

Esta lei funciona como um forte indicador na avaliação dos melhores centros de pesquisa, além de indicar os autores mais envolvidos em uma determinada área do conhecimento, proporcionando aos indivíduos a possibilidade de contato com os trabalhos de autores considerados especialistas em sua área, entre outros indicadores que podem ser extraídos a partir da utilização da lei de Lotka.

Quanto à lei de Zipf, deve-se dizer que o mesmo observou que, num texto suficientemente longo, existia uma relação entre a frequência que uma dada palavra ocorria e sua posição na lista de palavras ordenadas segundo sua frequência de ocorrência. À posição nesta lista dá-se o nome de ordem de série (rank). Assim, a palavra de maior frequência de ocorrência tem ordem de série 1, a de segunda maior frequência de ocorrência, ordem de série 2 e, assim, sucessivamente (GUEDES; BORSCHIVER, 2005).

Com a lei de Zipf é possível se retirar de um texto a ordem das palavras com maior frequência no documento, e através disso esclarecer quais os assuntos retratados no mesmo, facilitando para o usuário da informação saber se o texto analisado é pertinente com relação ao assunto procurado.

Para Santos e Kobashi (2009, p. 165)

Dois fenômenos podem ser destacados nas representações visuais dos estudos bibliométricos, cientométricos e infométricos: a conjunção (núcleo) e a disjunção (dispersão) de dados. O núcleo representa o grupo de dados que aparecem com as maiores frequências, relativamente ao conjunto dos

itens analisados. A dispersão representa os dados de baixa frequência relativamente ao conjunto de dados.

Exemplificando a utilização da lei de Zipf, compreende-se que a conjunção relaciona-se as palavras com maior frequência no texto, que estariam representadas como o núcleo do trabalho, associadas ao tema principal do mesmo, enquanto a disjunção ou dispersão relacionam-se aos termos de menor incidência no documento, ou seja, de menor relevância no trabalho.

2.5 Colaboração Científica

A colaboração científica é um tema importante no que se relaciona ao envolvimento no desenvolvimento de trabalhos científicos, pois se relaciona a sua divisão em relação aos autores responsáveis por desenvolver as especificidades de sua área dentro do mesmo trabalho.

O conceito é amplo e, em se tratando de colaboração científica, não existe um consenso entre a comunidade sobre como considerar o auxílio prestado por outra pessoa, essa é uma avaliação que pode variar muito de acordo com a área do conhecimento e, até mesmo, conforme a percepção pessoal do cientista. Contudo, a colaboração científica tem sido definida como dois ou mais cientistas trabalhando juntos em um projeto de pesquisa, compartilhando recursos intelectuais, econômicos e/ou físicos (KATZ; MARTIN, 1997 apud VANZ; STUMP, 2010).

Pode-se perceber que a visão sobre o que é ou não considerada colaboração científica não é unanimidade no meio científico, ocasionando em possíveis posições diferentes por parte dos cientistas. Porém, apesar de não haver um consenso sobre esse conceito de colaboração científica, é de comum acordo que para haver colaboração, é necessário que haja certo nível de compartilhamento de informações e conhecimentos por parte dos indivíduos envolvidos em um trabalho.

De acordo com Bufrem (2010, p. 131)

Pode-se afirmar se analisado diacronicamente, que o tema colaboração científica não é novo, embora os desdobramentos dos estudos venham se diversificando e originando interfaces temáticas, entre as quais se apontam para este estudo, em análise preliminar, quatro vertentes: co-autoria; redes de colaboração científica; tecnologia e colaboração científica e políticas de incentivo à colaboração científica.

Quadro 5 – Quatro vertentes da colaboração científica

Co-autoria	Destacam-se na literatura os estudos sobre co-autoria, confirmando sua posição como indicador de colaboração científica. O estudo apresenta, entre outras contribuições significativas, a constatação de que prevalece a autoria múltipla na produção e que à colaboração dos autores mais ativos corresponde menor produtividade fracionária. (ARGAÑARAZ; SOSA; RAPELA, 2003)
Redes de colaboração científica	A análise de redes complexas, em especial das redes sociais, tem despertado o interesse da comunidade científica mundial ao enfatizar a capacidade de as redes representarem problemas complexos de modo objetivo.
Tecnologia e colaboração científica	Os estudos analisados revelam a importância da tecnologia para o fenômeno da colaboração. As tecnologias de informação e de comunicação (TIC) fizeram surgir uma gama de novas possibilidades para a análise de redes sociais e, conseqüentemente, de redes de colaboração em ciência, tecnologia e inovação (CT&I).
Políticas de incentivo à colaboração científica	O apoio político à colaboração científica concretiza-se em diferentes níveis de atuação, localizado, regional ou internacional, atuando de modo direto ou indireto, conforme expressa a literatura. Assim, como a tecnologia, a política permeia as formas de concretização da colaboração científica, porém, adquirindo pouco destaque como objeto de estudo.

Fonte: Bufrem (2010)

Embora o estudo da colaboração científica possa não ser considerado novo, é importante salientar as subdivisões que o mesmo obteve através do tempo. As quatro vertentes do estudo sobre colaboração científica nos mostram a evolução do conceito, além de distanciar a visão de que a colaboração científica é baseada somente na co-autoria, demonstrando que as mesmas não são sinônimas, mas que a co-autoria está fortemente relacionada ao conceito de colaboração científica, assim como as redes de colaboração, a tecnologia e as políticas de incentivo.

A atuação em redes de colaboração é, por excelência, um meio de ampliar a produção científica e aplicá-la de forma pragmática e intensa; a integração de conhecimentos e competências acelera a geração de inovações, à medida que amplia o horizonte do conhecido pela troca de experiências e pela mútua motivação para alcançar novos patamares de saber e realização (GRANGEIRO; PINTO; VINHAS, 2013).

Com esta integração, os colaboradores podem realizar um trabalho profundo em sua área de atuação ou até mesmo um trabalho útil a mais de um campo do saber, tornando o trabalho mais valorizado pelo número de especialistas envolvidos nele, ou ainda, podendo aumentar a chance visualização do mesmo, dependendo do número de autores ou áreas envolvidas.

Para Parreiras et al. (2006) o aumento da participação de vários pesquisadores de diferentes formações nas pesquisas evidencia a sua característica multidisciplinar e explica o

aumento da colaboração, mas outros fatores, como a área de conhecimento, os contatos informais, a distância física e a existência de colégios invisíveis são fatores relevantes.

Particularmente, a existência de colégios invisíveis – responsáveis pelo contato e troca de informações entre pesquisadores que buscam abordar um determinado assunto – mostra-se importante na colaboração de trabalhos acadêmicos, pois através desses colégios há possibilidade de trocas significativas de informações e da construção de trabalhos entre pesquisadores de diferentes instituições, enriquecendo, assim, o trabalho com a visão de pesquisadores com experiências acadêmicas diversificadas.

Atualmente, com o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), aponta-se o surgimento do colégio virtual.

Segundo Moreira (2005, p. 58) “[...] o colégio virtual atua como rede de comunicação e intercâmbio, como fórum de educação e de socialização dos novos cientistas”, com as novas tecnologias tornou-se possível haver uma maior interação entre pesquisadores de diversas áreas, pois é possível que haja um *feedback* praticamente instantâneo em relação a questões que estejam em discussão. A partir disso, considera-se a tecnologia e a formação de colégios virtuais como imprescindíveis para o desenvolvimento atual de redes sociais de pesquisa.

De acordo com Balancieri et al. (2005, p. 64, 74)

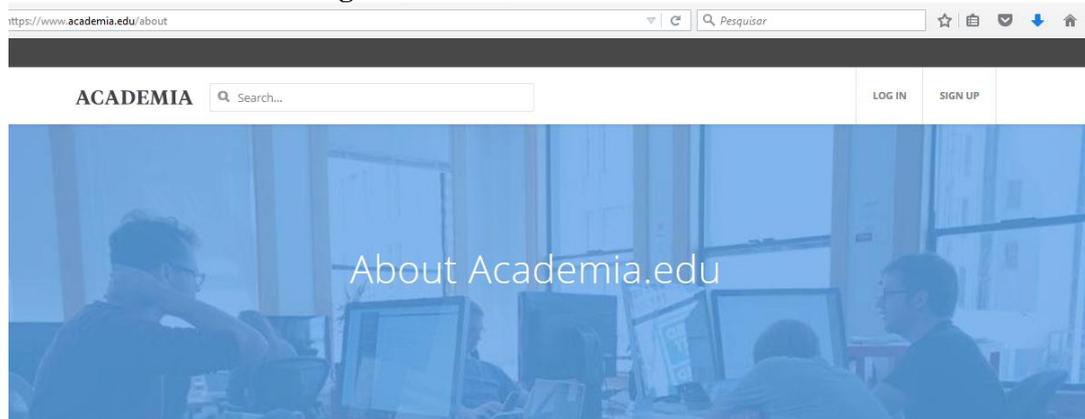
Analisar e apresentar relacionamentos existentes entre pesquisadores, grupos ou projetos não são as únicas possibilidades que as novas TIC trazem à análise de redes sociais. A indução de redes sociais também é um dos principais recursos viabilizados por ambientes de cooperação e por comunidades de prática em temas específicos.

A criação de redes sociais é uma função das mais importantes associadas às TIC no âmbito da pesquisa, porque através da mesma é possível atrair os pesquisadores de certo campo do conhecimento e realizar a troca de conhecimentos diretamente em um grupo formado para tratar de um assunto de interesse de todos os membros, facilitando à obtenção de respostas as questões dos participantes.

Isto porque redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações (TOMAÉL; MARTELETO, 2006).

As TIC aproximam pesquisadores de diversas partes do mundo, através da criação de redes sociais com fins específicos para reunir pesquisadores. A exemplo da Researchgate.net, e da Academia.edu.

Figura 2 – Plataforma Academia.edu



About

Academia.edu is a platform for academics to share research papers. The company's mission is to accelerate the world's research.

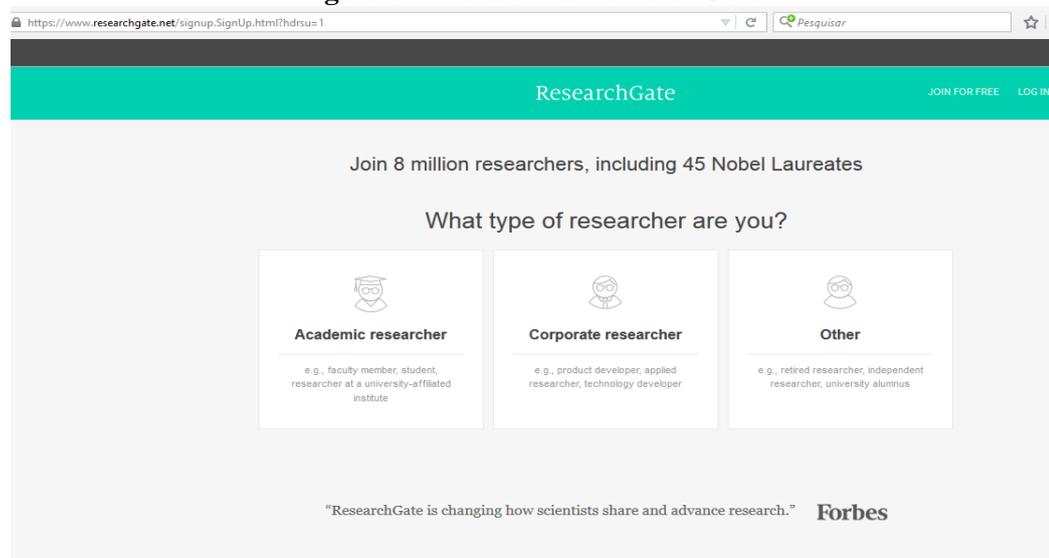
Academics use Academia.edu to share their research, monitor deep analytics around the impact of their research, and track the research of academics they follow. 27,013,978 academics have signed up to Academia.edu, adding 7,200,060 papers and 1,740,264 research interests. Academia.edu attracts over 36 million unique visitors a month.

Fonte: Academia.edu (15/11/2015)

A Academia.edu é descrita como uma plataforma para os acadêmicos compartilharem trabalhos de pesquisa, os acadêmicos usam a Academia.edu para compartilhar suas pesquisas, monitorar análises profundas ao redor do impacto de sua pesquisa, e acompanhar a investigação de acadêmicos que eles seguem.

O fato de a Academia.edu atrair milhões de visitantes e permitir o compartilhamento de pesquisas entre os mesmos, demonstra grande empenho no que se trata de contribuir para o crescimento das diversas áreas do conhecimento, mostrando assim a importância deste serviço para o meio acadêmico.

Figura 3 – Plataforma ResearchGate



Fonte: Researchgate.net (15/11/2015)

O ResearchGate foi construída por cientistas, e para os cientistas, foi fundada em 2008 pelos médicos Dr. Ijad Madische e Dr.Sören Hofmayer, e o cientista da computação Horst Fickenscher, o ResearchGate o já possui mais de sete milhões de membros. Sua missão, a exemplo do Academia.edu, é conectar pesquisadores e tornar fácil para os mesmos compartilharem e acessarem a produção científica, conhecimento e experiência.

A utilização dessas novas ferramentas permite que as pesquisas realizadas sejam muito mais ricas em informações relevantes, fazendo com que o desenvolvimento de variadas áreas possa alcançar um alto nível de forma rápida.

2.6 Encontros Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)

O Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) surgiu com a proposta de divulgar trabalhos relacionados à área da Ciência da Informação (CI). O evento é descrito como um foro privilegiado para apresentação e para discussão da pesquisa científica em Ciência da Informação, congregando estudantes, pesquisadores e programas de pós-graduação nacionais. (ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014). O ENANCIB busca reunir indivíduos que tem interesse ou tratam da CI em seus trabalhos e buscam alguma forma de socializar esse conhecimento adquirido através das pesquisas realizadas.

No site do ENANCIB é relatado que o mesmo é promovido anualmente pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB)¹, além de constituir o principal evento de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Com os eventos do ENANCIB, a ANCIB busca alcançar uma de suas finalidades as quais são apresentadas no site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (2014) “[...] acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil”.

Através dos encontros promovidos pela ANCIB, busca-se estimular a pesquisa em CI, aumentando, assim, a visibilidade da mesma, evoluindo o seu campo de estudo e fazendo com que a mesma mostre o seu potencial perante outras áreas, ocasionando em uma maior valorização e investimento em seus cursos de pós-graduação.

No site da ANCIB, é possível encontrar ainda o repositório do evento, conhecido como BENANCIB onde os trabalhos apresentado em todas as edições do ENANCIB estão situados,

¹ Site da ANCIB relacionando os eventos apresentados em cada ano do ENANCIB: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>

e podem ser recuperados por campos como: data do documento, autores, títulos, palavra-chave e assunto.

Ao tratar de repositórios, é pertinente salientar a tipologia dada aos mesmos, que são comumente classificados em: institucionais, temáticos e de teses e dissertações. O repositório do BENANCIB, por sua vez, possui a classificação de repositório temático.

Repositórios temáticos ou disciplinares são repositórios voltados a comunidades científicas específicas. Tratam, portanto, da produção intelectual de áreas do conhecimento em particular (LEITE, 2009). A partir dessa explanação, pode-se perceber a importância da criação e manutenção de um repositório voltado para a área da Ciência da Informação (CI), principalmente pelo mesmo reunir os trabalhos apresentados em um de seus mais importantes eventos, tornando possível, desse modo, o acesso aos avanços de variadas áreas contidas dentro dos estudos da CI.

3 METODOLOGIA

Ao retratar o esquema metodológico utilizado, torna-se necessário uma breve apresentação sobre o conceito de metodologia como também do conceito mais amplo relacionado, o de ciência.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 62) “ciência é uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. A ciência é responsável por organizar o conhecimento, de modo que, a partir do mesmo se possa chegar a conclusões sobre os fatos estudados.

No que tange a metodologia, a mesma é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica (PRODANOV; FREITAS, 2013). A metodologia auxilia a compreensão dos métodos utilizados para se chegar a conclusões sobre determinados objetos de estudo, assim a mesma favorece a qualidade dos resultados de pesquisa, ao infligir um maior rigor na utilização dos métodos selecionados.

Para Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 53-54)

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados [...].

O detalhamento proporcionado pela metodologia permite um mapeamento de todo o processo desenvolvido durante a coleta dos dados até a exposição dos resultados, por este motivo há importância na análise metodológica, pois ela pode indicar o método considerado adequado a cada pesquisa.

3.1 Universo e amostra

Segundo Crespo (2002, p. 19) “Ao conjunto de entes portadores de, pelo menos, uma característica comum, denominamos população estatística ou universo estatístico”. Levando em conta esta definição, pode-se deixar claro que o universo apresentado neste trabalho está pautado nos trabalhos apresentados no ENANCIB, contidos no repositório do BENANCIB, e no estudo das especificidades dos mesmos, como: identificação dos trabalhos sobre GI e GC e análise dos trabalhos quanto à autoria, co-autorias, contextos nas quais GI e GC vem sendo abordadas, a colaboração entre instituições participantes do evento, bem como as palavras-chave utilizadas nos trabalhos apresentados. Quanto às leis bibliométricas utilizadas na

pesquisa, destaca-se a lei de Lotka com relação à autoria e co-autorias dos trabalhos, e a lei de Zipf para a análise das palavras-chave mais utilizadas.

No que tange o conceito de amostra, para Marconi e Lakatos (2010, p. 147) “A amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”. Com relação a este ponto, este trabalho discorrerá sobre os trabalhos apresentados nos últimos dez anos do ENANCIB, abarcando desta forma o período entre 2005 a 2014.

3.2 Pesquisa

Para a realização de uma pesquisa, sempre é necessário a escolha de métodos e abordagens adequadas ao resultado que se pretende alcançar. Para isso, são oferecidos diversos meios de descrição dos procedimentos utilizados em um trabalho. A seguir uma breve descrição do conceito de pesquisa e alguns métodos para realização da mesma.

De acordo com Cervo, Brevian e Silva (2007, p. 57) “A pesquisa é uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio de emprego de processos científicos”. Para os mesmos, as pesquisas podem ser divididas em:

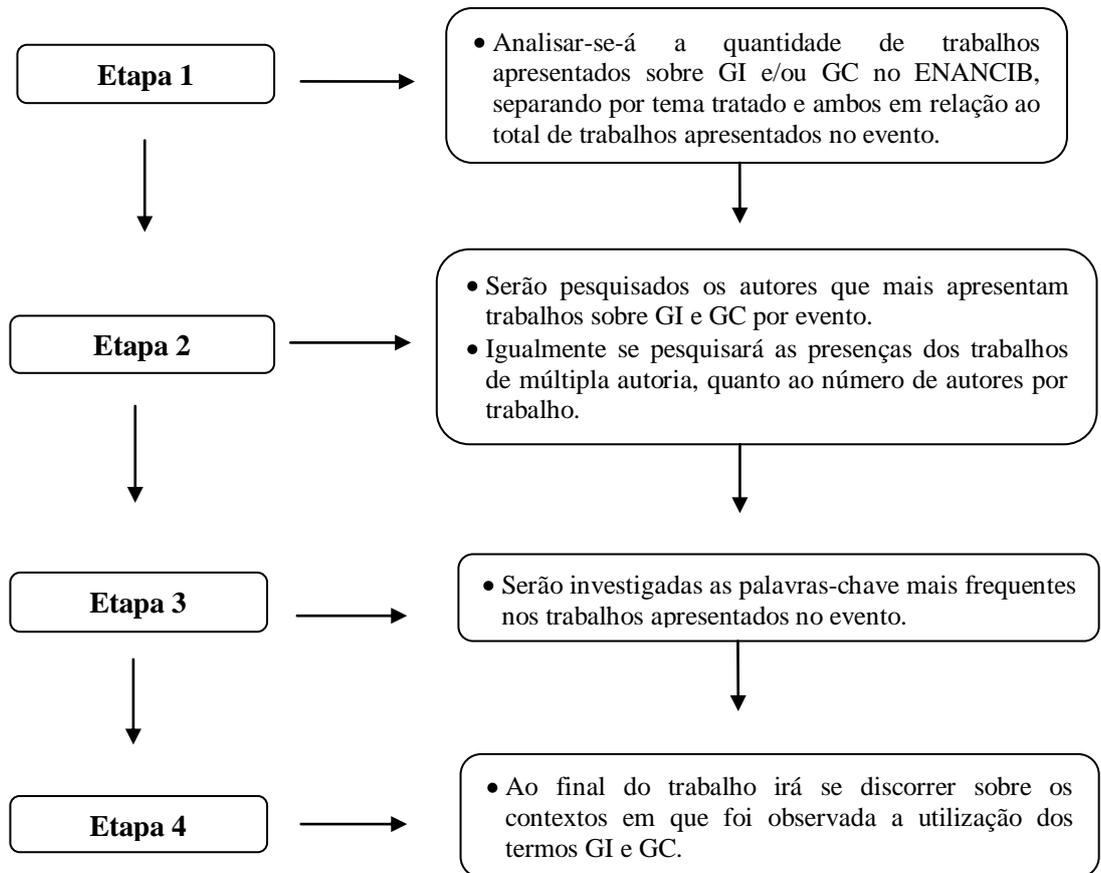
- Pesquisa bibliográfica: A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses.
- Pesquisa descritiva: A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.
- Pesquisa experimental: A pesquisa experimental caracteriza-se por manipular diretamente as variáveis relacionadas com o objeto de estudo.
- Pesquisa exploratória: A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus componentes.

Associando os tipos de pesquisa citados ao presente trabalho, constatamos que o mesmo utilizará o método exploratório-descritivo, pois o mesmo procurará analisar os trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), segundo as etapas citadas no próximo tópico.

3.3 Abordagem

Em relação à abordagem utilizada, será qualitativa e quantitativa, pois em primeiro momento os trabalhos serão quantificados segundo dados extraídos da análise dos pontos citados acima, para uma melhor estruturação serão utilizadas tabelas. Em um segundo momento, após coleta dos dados necessários, será feita a análise qualitativa, onde serão apresentadas as conclusões em relação às informações obtidas através dos dados coletados.

Figura 4 – Etapas metodológicas



Fonte: Autora

A partir das cinco etapas apresentadas, buscar-se-á ter uma perspectiva de aspectos de como a GI e GC são abordadas no ENANCIB durante os anos que serão observados no presente trabalho. Desse modo, poderá se esclarecer como a GI e GC têm se manifestado no desenrolar de uma década.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme o explicitado nos objetivos específicos, serão considerados aspectos como: identificação dos trabalhos sobre GI e GC do GT4, no repositório do BENANCIB; análise dos trabalhos identificados quanto à autoria e co-autorias, colaboração interinstitucional, palavras-chave comumente utilizadas nos trabalhos apresentados no evento; e também investigação através do exame dos trabalhos sob que aspectos a GI e a GC são abordadas.

Neste tópico serão analisados os resultados obtidos através da pesquisa realizada nos trabalhos apresentados no GT4 do ENANCIB durante o período de 2005 a 2014. Para esclarecimento de dúvidas quanto aos assuntos retratados nos trabalhos, foi necessária a leitura dos resumos, pois nem todos os temas estavam claramente expressos na forma de palavras-chave.

A tabela 1 ilustra a totalidade de trabalhos apresentados no evento durante os anos analisados.

Tabela 1 – Trabalhos apresentados no ENANCIB

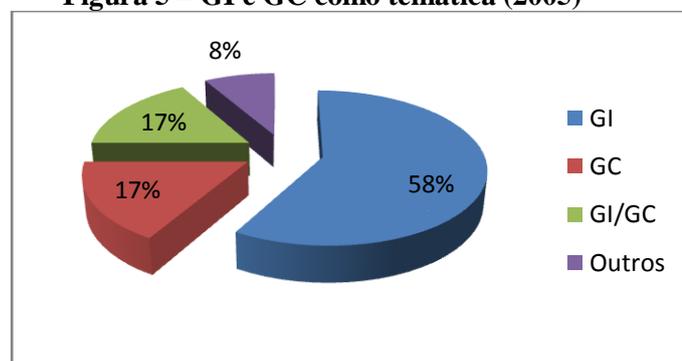
Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Nº de trabalhos	12	19	23	16	10	42	24	24	33	37

Fonte: Autora

Verifica-se no quadro 6 que o número de trabalhos é variado, sendo constatado que a maior variação entre os trabalhos apresentados no evento ocorre nos anos de 2009 e 2010, com 10 e 42 trabalhos respectivamente.

Os resultados apresentados na figura 5 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2005.

Figura 5 – GI e GC como temática (2005)

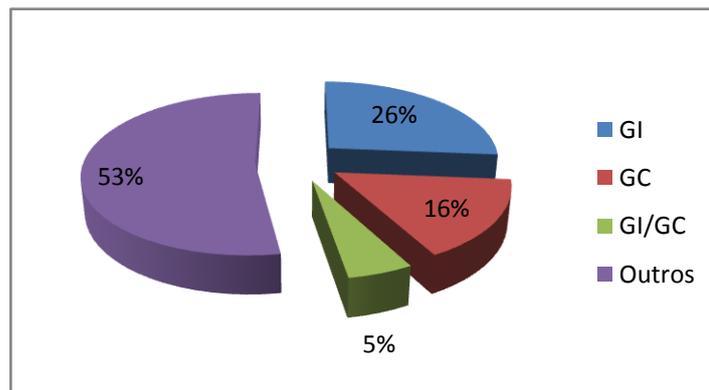


Fonte: Autora

Na figura 5 observamos o tema mais retratado, no total de doze trabalhos, se nota a presença de sete trabalhos tratando sobre GI (7 = 58%), dois trabalhos relacionados à GC (2 = 17%), e dois trabalhos que discorrem sobre ambas as áreas GI/GC (2 = 17%), também foi possível identificar um trabalho indefinido quanto ao tema (1 = 8%).

Os resultados apresentados na figura 6 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2006.

Figura 6 – GI e GC como temática (2006)

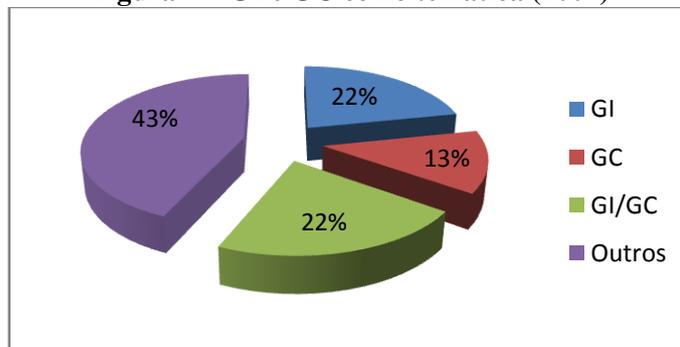


Fonte: Autora

Na figura 6 pode-se notar após a análise temática dos dezoito trabalhos apresentados, que cinco trabalhos tratam sobre GI (5 = 26%), três sobre GC (3 = 16%) e um que discorre sobre GI/GC (1 = 5%), também foi possível identificar dez trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (10 = 53%).

Os resultados apresentados na figura 7 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2007.

Figura 7 – GI e GC como temática (2007)

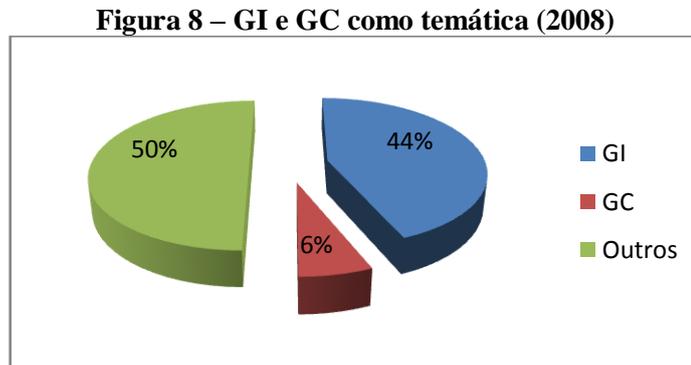


Fonte: Autora

Na figura 7, observamos que o tema mais retratado no total de vinte e três trabalhos apresentados no ano analisado, nos mostra que cinco trabalhos tratam sobre GI (5 = 22%), três sobre GC (3 = 13%) e cinco que discorriam sobre ambas as áreas GI/GC (5 = 22%),

também foi possível identificar dez trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (10 = 43%).

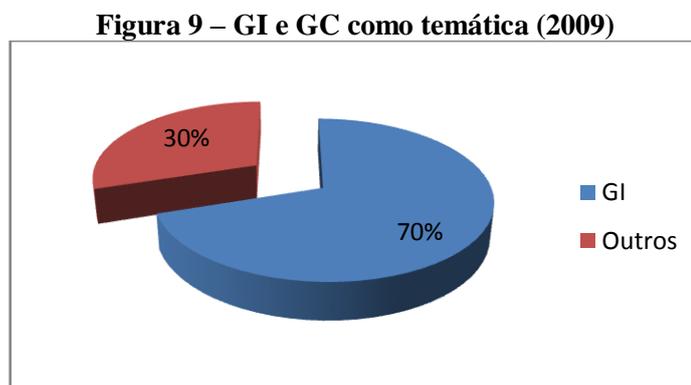
Os resultados apresentados na figura 8 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2008.



Fonte: Autora

A análise da figura 8 verifica que no total de dezesseis trabalhos, sete trabalhos tratando sobre estritamente sobre GI (7 = 44%), um sobre GC (1 = 6%), além da identificação de oito trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (8 = 50%).

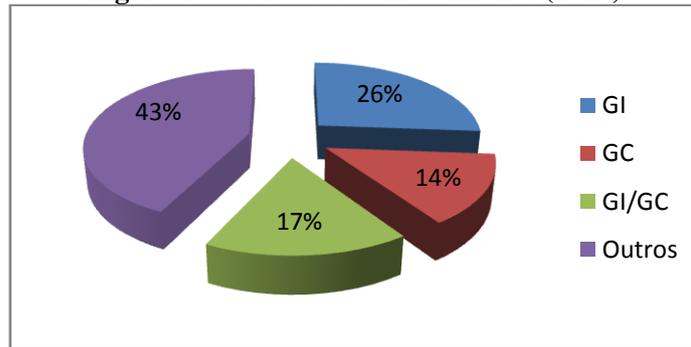
Os resultados apresentados na figura 9 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2009.



Fonte: Autora

Através da análise da figura 9, nota-se no total de dez trabalhos, que sete trabalhos apresentados tratam especificamente sobre GI (7 = 70%), além da identificação de três trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (3 = 30%).

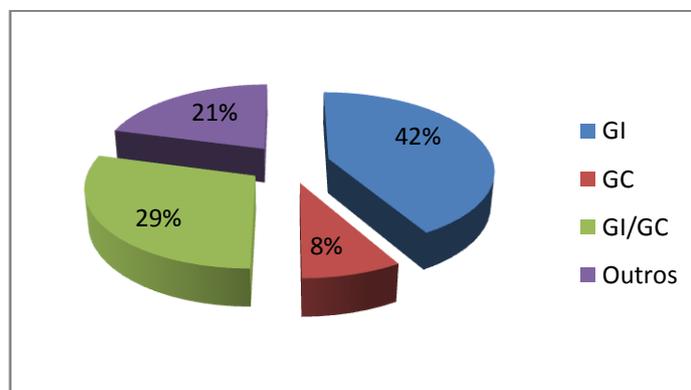
Os resultados apresentados na figura 10 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2010.

Figura 10 – GI e GC como temática (2010)

Fonte: Autora

A partir da observação da figura 10, observa-se no total de quarenta e dois trabalhos, que onze dos mesmos tratam sobre GI (11 = 26%), seis sobre GC (6 = 14%) e sete que discorriam sobre ambas as áreas GI/GC (7 = 17%), também foi possível identificar dezoito trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (18 = 43%).

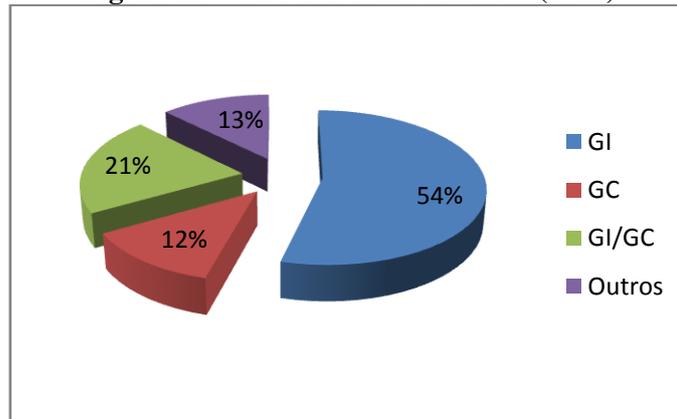
Os resultados apresentados na figura 11 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2011.

Figura 11 – GI e GC como temática (2011)

Fonte: Autora

Na figura 11, em que observamos o tema mais retratado, no total de vinte e quatro trabalhos, se observa dez trabalhos tratando sobre GI (10 = 42%), dois sobre GC (2 = 8%) e sete que discorriam sobre ambas as áreas GI/GC (7 = 29%), também foi possível identificar cinco trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (5 = 21%).

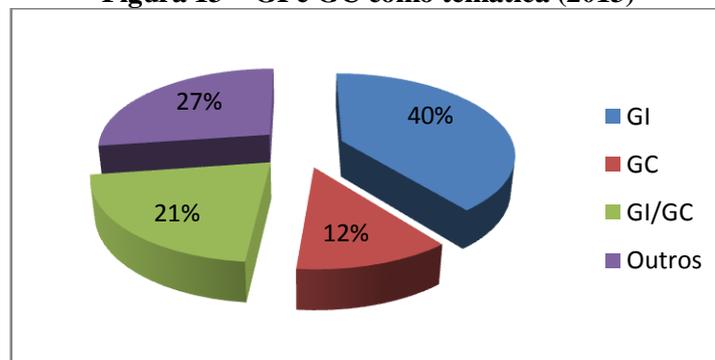
Os resultados apresentados na figura 12 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2012.

Figura 12 – GI e GC como temática (2012)

Fonte: Autora

A figura 12 nos mostra que no total de vinte e quatro trabalhos, treze tratam a respeito de GI (13 = 54%), três sobre GC (3 = 12%) e cinco que discorriam sobre ambas as áreas GI/GC (5 = 21%), também foi possível observar três trabalhos indefinidos quanto ao tema (3 = 13%).

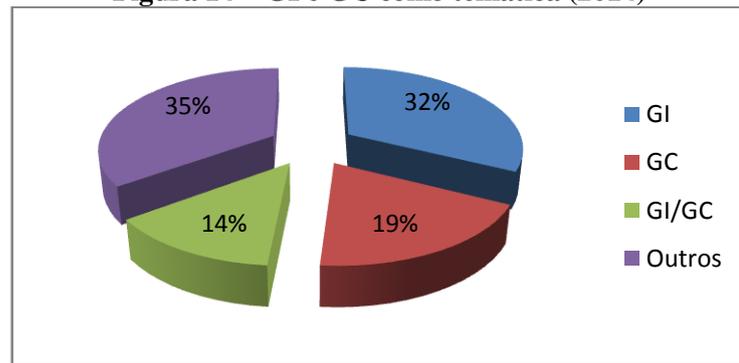
Os resultados apresentados na figura 13 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2013.

Figura 13 – GI e GC como temática (2013)

Fonte: Autora

Com a figura 13 conclui-se que no total de trinta e três trabalhos, treze deles tratam sobre GI (13 = 40%), quatro sobre GC (4 = 12%) e sete que nos falam sobre ambas as áreas GI/GC (7 = 21%), também foi possível identificar nove trabalhos sem um dos temas expresso de forma clara (9 = 27%).

Os resultados apresentados na figura 14 relacionam-se à temática dos trabalhos analisados no ano de 2014.

Figura 14 – GI e GC como temática (2014)

Fonte: Autora

Na figura 14 observam-se os resultados do último ano analisado, no total de trinta e sete trabalhos, notam-se doze trabalhos tratam sobre GI (12 = 32%), sete sobre GC (7 = 19%) e cinco que tratando sobre ambas as áreas GI/GC (5 = 14%), também foi possível identificar treze trabalhos indefinidos quanto ao tema retratado (13 = 35%).

No que tange ao número de publicações por autor no evento, e a presença de co-autoria nos trabalhos estudados no período de 2005-2014, foram obtidos resultados que se podem observar a partir da análise do ano de 2005.

Verifica-se no ano de 2005 que em relação ao número da produção por autor, há uniformidade nos resultados, pois a maioria dos autores publicou apenas um trabalho no evento, totalizando vinte e sete autores com apenas um trabalho apresentado, com exceções de dois autores com duas publicações no mesmo evento.

Os autores que tiveram seus nomes presentes em dois trabalhos foram Marta Araújo Tavares Ferreira, co-autora em dois trabalhos; e Ricardo Rodrigues Barbosa, em um trabalho como autor, e um como co-autor. Quanto ao número de autores por trabalho, foram observados três trabalhos com um autor, nota-se a presença autoria dupla em sete trabalhos, havendo dois trabalhos com três ou mais autores.

No ano de 2006 em relação ao número da produção por autor, há uniformidade nos resultados permanece como a do ano anterior e como nos eventos posteriores, pois a maioria dos autores publica apenas um trabalho, totalizando trinta e quatro no ano analisado, com somente um autor com três publicações no mesmo evento. O autor que teve seu nome presentes em três trabalhos foi Ricardo Rodrigues Barbosa, que se apresenta nos mesmos como co-autor. No que se relaciona ao número de autores por trabalho, possui três trabalhos com um autor, quatorze trabalhos com dois autores, além de dois trabalhos com três ou mais autores.

Em 2007 constata-se a presença de trinta e sete autores com somente um trabalho apresentado no evento, dois autores com três trabalhos apresentados, e três autores com dois trabalhos apresentados. Os autores com três trabalhos apresentados são Mônica Erichsen Nassif Borges, com dois trabalhos como autora e um trabalho como co-autora; e Ricardo Rodrigues Barbosa presente em três trabalhos com sua co-autoria.

Em relação aos autores com dois trabalhos apresentados no evento, destacam-se Marília Damiani Costa com uma autoria e uma co-autoria; Antonio Braz de Oliveira e Silva com duas autorias; e Wanda Aparecida Machado Hoffmann com uma autoria e uma co-autoria. No que se refere à análise de co-autoria, observa-se um trabalho com um autor, nota-se a presença de dupla autoria em dezenove trabalhos, havendo três trabalhos com três ou mais autores.

Quanto ao ano de 2008, os dados coletados informam a presença de um trabalho por autor, no total de trinta e um autores com apenas uma publicação no ano, e apenas duas autoras com dois trabalhos no mesmo evento, são elas Sueli Angélica do Amaral; Marta Lígia Pomim Valentim, ambas como co-autoras dos dois trabalhos. Quanto ao número de autores por trabalho, notam-se três trabalhos com um autor, a presença autoria dupla em nove trabalhos, além de quatro trabalhos com três ou mais autores.

No ano de 2009 houve uma exceção em relação a mais de uma autoria por ano, percebeu-se todos os autores publicaram somente uma vez. No que tange a co-autoria, teve-se um autor em um trabalho, dois autores em oito trabalhos, e um trabalho com três ou mais autores.

Observa-se no ano de 2010 a presença de sessenta e nove autores com apenas uma apresentação no ENANCIB, com destaque para autores como Marta Lígia Pomim Valentim, com quatro trabalhos nesse ano de evento, um em autoria, e três em co-autoria; Sueli Angélica do Amaral, presente como co-autora em três trabalhos; Orlando de Almeida Filho, autor em dois trabalhos do mesmo ano; assim como Ricardo Rodrigues Barbosa, Barbara Fadei, Emeide Nóbrega Duarte estiveram presentes em dois trabalhos, todos em co-autoria. Quanto à co-autoria nos trabalhos, notou-se que esse ano possui cinco trabalhos com um autor, trinta e três trabalhos com a presença de dois autores, havendo quatro trabalhos com três ou mais autores.

Verifica-se no ano de 2011 em relação ao número da produção por autor, trinta e quatro autores realizaram apenas uma publicação, com apenas quatro autores fazendo mais de uma publicação, sendo eles: Ricardo Rodrigues Barbosa responsável por três trabalhos, um em autoria e dois em co-autoria; Cláudio Paixão Anastácio de Paula, com um trabalho como autor e um como co-autor; e Emeide Nóbrega Duarte e Mônica Erichsen Nassif, ambas com dois

trabalhos como co-autoras. No que se relaciona ao número de autorias por trabalho no ano de 2011, cinco trabalhos possuem um autor, dezenove trabalhos possuem dois autores.

No que tange ao ano de 2012 em relação autoria dos trabalhos, observa-se que quarenta e um autores apresentaram apenas um trabalho no evento. No entanto três autoras apresentaram duas vezes no mesmo ano, são elas Marta Ligia Pomim Valentim com uma autoria e duas co-autorias; e Regina de Barros Cianconi e Emeide Nóbrega Duarte que se apresentam como co-autoras em dois trabalhos. Em relação à co-autoria dos trabalhos apresentados, constata-se a presença de quatro trabalhos com um autor, a presença autoria dupla em dezessete trabalhos, além de três trabalhos com três ou mais autores.

No ano de 2013, cinquenta e sete autores apresentaram somente um trabalho no ENANCIB, com a exceção de nove autores que apresentaram mais de um trabalho neste ano, sendo eles: Marta Ligia Pomim Valentim com três co-autorias; Júlio Afonso Sá de Pinho Neto, Wagner Junqueira de Araújo, Emeide Nobrega Duarte e Claudio Paixão Anastácio de Paula cada um com dois trabalhos como co-autores; Leonardo Guimarães Garcia, Ricardo Rodrigues Barbosa, Adriana Nóbrega da Silva os três com uma autoria e uma co-autoria no evento; e Sueli Angélica do Amaral responsável pela autoria de dois trabalhos. No que se associa ao número de autores por trabalho, nota-se que este ano do evento possui cinco trabalhos com um autor, dezoito trabalhos com dois autores, existindo dez trabalhos com três ou mais autores.

No ano de 2014, último ano de análise, percebe-se que em relação ao número da produção por autor segue o exemplo de outros anos, com a maioria dos autores apresentando apenas um trabalho no evento, no total de sessenta e quatro autores tendo apresentado somente uma vez, dois autores publicaram três vezes no mesmo evento, e nove autores publicaram duas vezes no mesmo evento.

Entre os autores com duas autorias ou mais, estão: Emeide Nobrega Duarte com uma autoria, e duas co-autorias; e Alzira Karla Araújo da Silva com três co-autorias; os autores com dois trabalhos como co-autores, são Ricardo Rodrigues Barbosa, Jorge Tadeu de Ramos Neves, Marta Lígia Pomim Valentim, Gregório Jean Varvakis Rados, André Felipe Albuquerque Fell; os autores responsáveis por trabalhos com uma autoria e uma co-autoria são Danielly Oliveira Inomata, Andréa Vasconcelos Carvalho e Fabrício Ziviani; salientando também a presença do Leonardo Guimarães Garcia como o único autor com duas autorias no ano analisado. Em relação ao número de autores por trabalho no ano de 2014, pode-se salientar que há três dos trabalhos com apenas um autor, vinte e dois trabalhos possuindo dois autores, além de doze trabalhos com três ou mais autores.

No quesito co-autoria é possível notar-se que há clara predominância de dois autores por trabalho apresentado, muitos dos trabalhos os quais são realizados por professores e alunos de uma determinada instituição. O fato de pesquisar-se sobre o nível de co-autoria, fez com que também fosse realizada uma pequena análise da colaboração interinstitucional.

A tabela ilustra os resultados no quesito colaboração científica interinstitucional.

Tabela 2 – Colaboração interinstitucional

Nº de instituições	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Uma Instituição	11	13	16	11	8	31	24	17	28	34
Duas Instituições	1	6	6	4	2	9	—	7	3	2
Três ou mais Instituições	—	—	1	1	—	2	—	—	2	1

Fonte: Autora

Durante a breve compilação dos dados relacionados à colaboração interinstitucional, verificou-se que existe uma tendência a falta de colaboração científica, fazendo com que a maioria dos trabalhos tenha sido realizado por apenas uma instituição de ensino, possivelmente, como citado anteriormente, pelo fato de muitos trabalhos serem realizados entre alunos e seus professores. Algumas das instituições em destaque na análise feita são: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Universidade de São Paulo (USP), entre outras universidades que não foram citadas na exemplificação, mas possuem autores com apresentações no ENANCIB.

No que tange a análise de palavras-chave, será apresentada as palavras mais frequentes nos trabalhos estudados, notadamente há grande variedade de termos, todos representando seu respectivo estudo, fazendo com que poucas palavras coincidam. Para uma melhor visualização dos resultados, as palavras-chave são apresentadas através de uma nuvem de palavras, e após a apresentação das mesmas, irá se discorrer sobre a ocorrência de algumas palavras-chaves em cada ano analisado.

Na figura 15 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2005.

Figura 15 – Palavras-chave (2005)

Fonte: Autora

No que se relaciona a utilização de palavras-chave, podemos observar pela figura 15, que as palavras: Gestão do Conhecimento (3), Gestão da Informação (2), Comportamento Informacional (2) e Inteligência Competitiva (2), obtiveram maior destaque em relação às outras quarenta e quatro palavras presentes no trabalho. Todas as palavras destacadas neste ano relacionam-se a informação e ao conhecimento, havendo maior destaque para GI e GC.

Na figura 16 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2006.

Figura 16 – Palavras-chave (2006)

Fonte: Autora

Na figura 16 podemos notar que as palavras-chave que alcançaram maior destaque no ano estudado foram: Gestão do Conhecimento (4), Gestão da Informação (3), Inteligência Competitiva (3), Gestão (2) e Fontes de Informação (2). De modo oposto, cinquenta e duas palavras presentes nos trabalhos apareceram somente uma vez, demonstrando grande dispersão entre os temas tratados, porém no que se relaciona as palavras-chave com maior incidência, foi mantido o foco na GC e na GI.

Na figura 17 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2007.

Figura 17 – Palavras-chave (2007)



Fonte: Autora

Através da figura 17, nota-se que entre as palavras com maior destaque no evento analisado estão: Gestão da Informação (4), Gestão do Conhecimento (4), Informação (3), Informação para a tomada de decisão (2), Gestão da Informação e do Conhecimento (2), Inteligência Competitiva (2), Ciência da Informação (2), Conhecimento (2), Bibliotecas Universitárias (2). Com a análise da figura, é possível observar a ênfase em representar a informação e o conhecimento como temas centrais dos trabalhos, e além desses temas recorrentes, os trabalhos possuem setenta e uma palavras-chave representando assuntos variados.

Na figura 18 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2008.

Figura 18 – Palavras-chave (2008)

Fonte: Autora

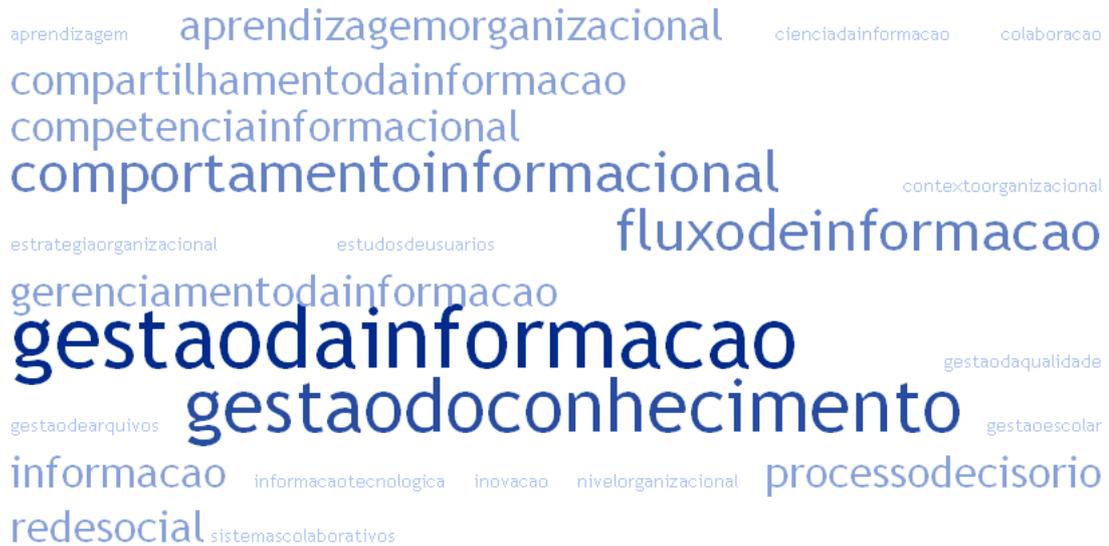
No que tange a utilização de palavras chave nesse ano, podemos observar pela figura 18, que as palavras que obtiveram maior destaque no ano de 2008, são: Gestão da informação (3), Estudos de usuários (3), Informação (3), Conhecimento (2), Tecnologias de Informação e Comunicação (2), Inteligência Competitiva Organizacional (2). Novamente neste ano é dado o devido foco a informação e ao conhecimento, porém nota-se que o tema GC não foi um tema retratado, diferentemente de GI que está entre uma das palavras-chave mais utilizadas. Havia outras cinquenta e uma palavras-chave presente nos trabalhos.

Na figura 19 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2009.

Figura 19 – Palavras-chave (2009)

Fonte: Autora

Na figura 19, a única palavra com destaque foi Ciência da Informação (2), o fato de haver somente uma palavra enfatizada nos trabalhos deste ano, deve-se ao menor número de apresentações realizadas em 2009, que no total foram somente dez trabalhos. Outras trinta e nove palavras-chave foram usadas no ano estudado.

Figura 21 – Palavras-chave (2011)

Fonte: Autora

A figura 21 nos mostra em destaque as palavras-chave comumente utilizadas no ano estudado, entre elas estão: Gestão da Informação (8), Gestão do Conhecimento (6), Comportamento Informacional (3), Fluxo de Informação (3), Aprendizagem Organizacional (2), Competência Informacional (2), Informação (2), Gerenciamento da Informação (2), Rede Social (2), Compartilhamento da Informação (2), Processo Decisório (2).

Verifica-se que no ano de 2011, as áreas de GI e de GC receberam o maior destaque, mas mostra-se igualmente importante se enfatizar a ocorrência de três expressões que não fazem alusão direta a informação, como as outras representadas na nuvem de palavras, são elas: aprendizagem organizacional; rede social e processo decisório. Embora as três palavras não acenem diretamente à informação e ao conhecimento, o destaque das mesmas nos trabalhos também demonstra a necessidade de compartilhamento (redes sociais) ou o manuseio desses ativos de forma que facilite a aprendizagem em uma organização ou a tomada de decisão realizada nos processos decisórios. Foram ainda usadas outras sessenta e uma palavras para representar os trabalhos neste ano do evento.

Na figura 22 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2012.

Através da observação da figura 23, se evidencia a utilização de palavras-chave como: Gestão da Informação (9), Gestão do Conhecimento (7), Ciência da Informação (4), Estudo de Usuários (4), Tomada de Decisão (3), Gestão da Segurança da Informação (2), Memória Organizacional (2), Inteligência Competitiva (2), Marketing (2), Micro e Pequenas Empresas (2), Fluxo de Informação (2), Biblioteca Universitária (2), Sistemas de Informação (2), Regime de Informação (2), também foram observadas a utilização de outras oitenta e nove palavras-chave no ano de 2013.

Além do comum destaque dado em anos anteriores a GC e a GI, e a outras palavras-chave relacionadas à informação e/ou conhecimento, o ano de 2013 também proporcionou um pequeno destaque para palavras não mencionadas anteriormente, como: memória organizacional, marketing e micro e pequenas empresas. A ênfase dada à memória organizacional pode ser compreendida pelo fato de através da mesma ser possível reunir e preservar o conhecimento institucional para futura utilização, o destaque dado ao marketing e as micro e pequenas empresas por sua vez, podem entender-se quando se pensa em modos de a informação ser utilizada de forma a promover melhores estratégias para ser atingido um determinado objetivo.

Na figura 24 são apresentadas as palavras-chave com maior destaque nos trabalhos analisados no ano de 2014.

Figura 24 – Palavras-chave (2014)



Fonte: Autora

No que se relaciona a palavras-chave contidas no último ano analisado, podemos observar pela figura 24, que as palavras que obtiveram maior destaque foram: Gestão da Informação (11), Gestão do Conhecimento (6), Ciência da Informação (5), Biblioteca Universitária (4), Fluxo de Informação (3), Inteligência Competitiva (2), Processos (2),

Produção Científica (2), Comunicação Científica (2), Inovação (2), Tomada de Decisão (2), no ano de estudo também foram observadas cento e seis palavras-chave distintas.

No ano de 2014, o foco dos trabalhos se manteve na GI e GC, bem como outras áreas relacionadas à informação, como Ciência da Informação e fluxo de informação, que muitas vezes estão presentes em trabalhos do evento. Contudo, nesse mesmo ano ainda foram trazidas diferentes palavras-chave em destaque, entre elas: produção científica, comunicação científica e inovação, todas de algum modo relacionadas, pois se entende a importância das mesmas no que se relaciona a informação e ao conhecimento e seu devido gerenciamento, pois o desenvolvimento da produção científica só se torna possível quando se há acesso a informações previamente disponibilizadas, e a comunicação científica também se relaciona a isso no momento que torna possível a troca de conhecimento entre pesquisadores, provocando o desenvolvimento rápido dessas áreas e facilitando desta forma a inovação.

Tabela 3 – PANORAMA GERAL

Informações	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Tema GI	7	5	5	7	7	11	10	13	13	12
Tema GC	2	3	3	1	—	6	2	3	4	7
Tema GI/GC	2	1	5	—	—	7	7	5	7	5
Indefinido	1	10	10	8	3	18	5	3	9	13
Autor c/ maior nº de apresentações	Ferreira, M.A. T.; Barbosa, R. R.	Barbosa, R. R.	Borges, M.E. N.; Barbosa, R. R.	Amaral, S. A.	Nenhum c/ destaque	Valentim, M. L. P.	Barbosa, R. R.	Valentim, M. L. P.	Valentim, M. L. P.	Duarte, E. N.; Silva, A.K. A.
Trab. 1 autor	3	3	1	3	1	5	5	4	5	3
Trab. 2 autores	7	14	19	9	8	33	19	17	18	22
Trab. 3 ou mais autores	2	2	3	4	1	4	—	3	10	12
Palavra-chave mais utilizadas	GC	GC	GI e GC	GI, Estudos de usuários, Informação	CI	GI	GI	GC	GI	GI

Fonte: Autora

A partir da análise do quadro 8 se tem um vislumbre sobre os dados coletados durante a pesquisa, sendo ressaltados objetivamente os temas presentes em cada ano, o (s) autor (es) com o maior número de publicações por ano, o número de trabalho por autor, e a palavra-chave que apareceu com maior frequência.

Como proposto nos objetivos desse trabalho, será realizada uma investigação quanto alguns dos contextos onde foram observados a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento. No que se relaciona aos contextos aos quais a GI e GC foram encontradas na análise dos trabalhos presentes no evento, pode-se observar uma grande variedade de âmbitos aos quais estas áreas do conhecimento são empregadas.

No que tange aos âmbitos previamente mencionados, ponderaremos sobre algumas das situações nas quais a GI e GC foram referidas nos trabalhos analisados.

Em muitos dos trabalhos estudados, é possível observar o viés institucional que é dado à GI e a GC, pode-se notar esses aspectos em trabalhos como os que tratam da sua utilização em empresas, bibliotecas, ONG's, entre outros. Alguns dos contextos nas quais a GI e a GC foram observada são:

- Empresas:

Cultura informacional – estudo sobre cultura informacional em empresas, onde eram investigados os valores e comportamentos informacionais da organização.

Modelo de apoio a decisão – análise onde é apresentado um modelo de apoio à decisão a feita identificação e a mensuração de parâmetros envolvidos na tomada de decisões para auxílio de gestores em novos empreendimentos.

Portais corporativos – tratam-se dos portais e intranet corporativos com o objetivo de reunir em um ambiente a informação gerada para disponibilização na web.

Gestão de narrativas organizacionais – discursos narrativos no ciclo informacional proporcionam à cultura de aprendizagem de uma organização, possibilitando a troca de conhecimentos.

Memória organizacional – aglomerações empresariais e industriais (arranjos produtivos) estudo da importância da criação de uma estrutura de memória organizacional, que possibilite o registro, a preservação e a disseminação do conhecimento que tem sido produzido pelos participantes.

No contexto empresarial nota-se a relevância dada à troca de informações e conhecimentos entre os indivíduos que fazem parte de uma organização, e sua importância da mesma na toma de decisões. Embora a importância da informação e do conhecimento seja indiscutível em qual área, no âmbito empresarial mostra-se uma grande ênfase neste aspecto

pelo fato de a gestão adequada destes ativos poder proporcionar maior competitividade e aumentar a probabilidade de lucro por parte dessas organizações.

- GI e GC em Bibliotecas Universitárias:

Gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias – retrata a proposta de um instrumento que envolve a gestão estratégica da biblioteca universitária, os processos de gestão do conhecimento e os suportes organizacionais.

Política e gestão da informação em biblioteca universitária – análise do processo de Gestão da Informação enquanto Política de Informação, no contexto de uma biblioteca universitária.

No que tange as bibliotecas universitárias retratadas, nota-se um foco teórico com a posterior criação de instrumentos para possível aplicação na biblioteca, fazendo com que elas melhorem seu desempenho como um todo, unindo vários processos da mesma.

- Outros contextos:

Gestão da informação esportiva – No ambiente esportivo há várias fontes e processos informacionais que se relacionam e geram informações denominadas de informação esportiva. A Gestão da Informação em organizações não-governamentais (ONGs) – pesquisa direcionada a caracterizar o processo organizacional da informação em organizações não-governamentais na realização de projetos ambientais.

Gestão estratégica da informação para projetos culturais – gerenciamento estratégico da informação para o atendimento de processos de elaboração e gestão de projetos na Gestão Cultural.

Repositórios institucionais e a gestão do conhecimento científico – aborda a criação de um mecanismo que possibilite o acesso online, aberto e irrestrito aos documentos acadêmicos produzidos à comunidade acadêmica.

Neste tópico são apresentados alguns outros aspectos nos quais a GI e a GC são aplicadas, como em processos organizacionais de ONGs, ou como facilitador na concretização de projetos de gestão cultural, e até mesmo no meio esportivo gerindo a chamada “informação esportiva”, mostrando dessa forma que apesar de muitas vezes a GI e GC estarem relacionadas a gestão de ativos empresariais ou ao contexto de desenvolvimento de práticas informacionais em bibliotecas, elas podem ser encontradas em várias áreas, bastando-se que haja interesse em utilizá-la em seu meio. Contudo, ainda pode-se destacar pelo viés acadêmico, o exemplo que cita a presença de repositórios institucionais, que vem tornando-se cada dia mais comum, por ser uma forma de obter o conhecimento acadêmico e disseminá-lo a sua comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento são áreas afins, com grande relevância no manejo de suas propriedades, proporcionando as instituições que se utilizem das mesmas a possibilidade de gerir adequadamente as informações e conhecimentos presentes em sua organização. Com o desenvolvimento das áreas de GI e GC passou-se a uma maior discussão em relação a ambas, como se pode notar no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, onde Grupo de Trabalho 4 (GT4) dedica-se exclusivamente ao tratamento de assuntos relacionados a GI e GC.

Com base nos trabalhos apresentados GT4 no período de 2005-2014, buscou-se identificar os trabalhos sobre GI e GC do GT4, no repositório do BENANCIB; analisar os trabalhos identificados quanto à autoria e co-autorias; conhecer a colaboração interinstitucional; averiguar as palavras-chave utilizadas, além de investigar sob que contextos a GI e a GC são abordadas.

Durante a realização do trabalho observou-se em relação à temática, que embora GI e GC sejam apresentadas como as expressões mais utilizadas pelos autores, ainda observa-se um número razoável de trabalhos que não a mencionam de forma explícita, deixando muitas vezes em aberto se em algum ponto a Gestão da informação ou do Conhecimento é retratada ou somente outros aspectos relacionados à informação e ao conhecimento. Contudo, entre as três possibilidades trabalhadas como tema, a de presença da Gestão da Informação, de Gestão do Conhecimento e a de ambas, a com maior ênfase é a que apresenta a expressão Gestão da Informação.

Quanto à autoria, notou-se a presença de um grande número de autores, mas constatou-se que poucos publicavam mais de uma vez por evento. Entre os autores que se destacaram por ter mais de uma publicação por evento e em mais de um evento, encontram-se Marta Ligia Pomim Valentim e Ricardo Rodrigues Barbosa. No que tange as co-autorias nos trabalhos analisados, percebe-se a predominância de dois autores por trabalho, constatou-se que muitos dos trabalhos analisados estavam com autorias de alunos e seus orientadores, fazendo com que houvesse pouca colaboração interinstitucional nos trabalhos analisados.

No que se relaciona as palavras-chave, observa-se uma grande variedade de termos, porém ainda pode-se destacar a ênfase dada a Gestão da Informação e a Gestão do Conhecimento, as quais possuem maior ocorrência. No entanto, o fato de o GT4 estar relacionado às áreas de GI e GC, e muitos trabalhos não apresentarem nenhuma das expressões, faz com que a incidência de GI e GC pareça pequena.

No que se relaciona aos contextos presentes nos trabalhos pesquisados, foi possível perceber vários vieses, e devido à dispersão dos assuntos, propor uma visão unilateral descartaria outros aspectos analisados, pois foi possível observar nos trabalhos tanto à análise institucional da GI e GC, quanto a análise conceitual.

Após a análise dos trabalhos conclui-se que apesar do Grupo de Trabalho 4 ser dedicado a Gestão da Informação e do Conhecimento, nem sempre é possível perceber claramente o que o trabalho trata somente lendo palavras-chave ou o resumo. O grupo claramente trata da informação e do conhecimento, porém, muitas vezes destacando outras áreas, complementares a GI e GC, mas não sinônimas, e essa falta de esclarecimento contida em muitos trabalhos pode confundir o usuário em relação à informação recebida.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA.EDU. **About**. Online. 2015. Disponível em: <<https://www.academia.edu/about>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

AMORIM, Fabiana Borelli; TOMAÉL, Maria Inês. Gestão da informação e gestão do conhecimento na prática organizacional: análise de estudos de casos. **RDBCI**, Campinas, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/465>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014. **Apresentação**. Disponível em: <<http://ancib.org.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BALANCIERI, Renato et al . A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 64-77, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2015.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. 1 esp, p. 1-25, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1843>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

BETTENCOURT, Marcia Pires da Luz; CIANCONI, Regina de Barros. Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, sem paginação, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/85>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

BUFREM, Leilah Santiago. Colaboração científica: revisando vertentes na literatura em Ciência da Informação no Brasil. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-150, 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/32>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Informação e conhecimento no contexto de ambientes organizacionais. In: VALENTIM, Marta. **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 235-254. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 09 jun. 2015.

CERVO, Amado L.; BREVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**. São Paulo: Senac, 2003.

CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística Fácil**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. Disponível em: <<http://www.salvas.info/Estatistica.html>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

DAMIANI, Marília; KRUCKEN, Lia; ABREU, Aline França de. Gestão da informação ou gestão do conhecimento? **Revista Acb**: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 5, n. 5, p.29-41, 11 nov. 2000. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/issue/view/26>>. Acesso em: 08 Jun. 2015.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da Informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso da informação. São Paulo: Futura, 1998. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75> . Acesso em: 08 jun. 2015.

DAVENPORT, Thomas H.; MARCHAND, Donald A. A GC é apenas uma boa gestão da informação?. In: DAVENPORT, Thomas H.; MARCHAND, Donald A.; DICKSON, Tim. **Dominando a Gestão da Informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 189-194.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO,14, Belo Horizonte, 2014. **Além das “nuvens”**: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 12 jun 2015.

GRÁCIO, José Carlos Abbud. **Preservação digital na gestão da informação**: um modelo processual para as instituições de ensino superior. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em: http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75. Acesso em: 09 jun. 2015.

GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira. A bibliometria e a gestão da informação e do conhecimento científico e tecnológico: uma revisão da literatura. **Ponto de acesso**, Salvador, v. 6, n. 2, p.74-109, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/5695>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

GRANGEIRO, Rebeca da Rocha; PINTO, Aureo Magno Gaspar; VINHAS, Fabiola Dapuzzo. Redes de colaboração científica: uma análise das publicações do encontro nacional de pesquisadores em gestão social. **Cadernos Gestão Social**, [S. l.], v. 4, n. 2, p.163-180, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs/article/viewArticle/379>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

GUEDES, V.; BORSCHIVER, S.. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** . Salvador: Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005. p. 1 - 18.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/index.asp>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane Price. **Sistemas de Informações Gerenciais.** 7. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

LEITE, Fernando César Lima. **Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira:** repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília: Ibict, 2009. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/775>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

LONGO, Rose Mary Juliano. Gestão do conhecimento e unidades de informação. In: VERGUEIRO, Waldomiro; MIRANDA, Angélica C. D.. **Administração de unidades de informação.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2007. Cap. 2. p. 35-49.

LOPES, Elaine Cristina; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. In: VALENTIM, Marta. **Gestão, mediação e uso da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap. 13. p. 277-299. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 12 jun. 2015.

MALTRÁS BARBA, Bruno. Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia. Asturias: TREA, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOLINA, Letícia Gorri. Tecnologias de informação e comunicação para gestão da informação e do conhecimento: proposta de uma estrutura tecnológica aplicada aos portais corporativos. In: VALENTIM, Marta. **Gestão, mediação e uso da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap. 7. p. 143-167. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MOREIRA, Walter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 57-63, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2015.

MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Memória organizacional e gestão do conhecimento. In: TARAPANOFF, Kira (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento.** Brasília: IBICT/UNESCO, 2006. p. 277-291. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 09 jun. 2015.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 16. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

PARREIRAS, Fernando Silva et al. RedeCI: colaboração e produção científica em ciência da informação no Brasil. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 302-317, 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2015.

PONJUÁN DANTE, Gloria. **Gestión de información: dimensiones e implementación para el éxito organizacional**. Rosario: TREA, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/cultura/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

RESEARCHGATE. **About**. Online. 2015. Disponível em: <<http://www.researchgate.net/about>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

ROBREDO, Jaime. Redes de informação e de gestão do conhecimento: modelagem e estrutura de informações. In: TARAPANOFF, Kira (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT/UNESCO, 2006. p. 303-335. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 12 jun. 2015.

ROTH, George. A TI e o desafio da aprendizagem organizacional. In: DAVENPORT, Thomas H.; MARCHAND, Donald A.; DICKSON, Tim. **Dominando a Gestão da Informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 351-358.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Produção científica: por que medir? o que medir? p. 22-38. **RDBCI**, Campinas, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/285>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 42-55, 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/21>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

SCHLESINGER, Cristina Costa Barros et al. **Gestão do Conhecimento na Administração Pública**. Curitiba: Instituto Municipal de Administração Pública, 2008. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 09 jun. 2015.

SOUZA, Edivanio Duarte de; DIAS, Eduardo José Wense; NASSIF, Mônica Erichsen. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 55-70, 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4039/5598>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: _____. **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT/UNESCO, 2006. p. 19-35. Disponível em: <http://www.abgo.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=376&Itemid=75>. Acesso em: 09 jun. 2015.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, n. esp., p. 75-91, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p75>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/171>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração Científica: revisão teórico-conceitual. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p.42-55, maio 2010. Quadrimestral. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1105>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

XAVIER, Rodolfo Coutinho Moreira; COSTA, Rubenildo Oliveira da. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 39, n. 2, p.75-83, maio/ago., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652010000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 jun. 2015.